

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
BACHARELADO EM JORNALISMO

JESSICA ALLANA GROSSI

**MEMÓRIAS DO SEXTA ÀS SEIS EM UM LIVRO-REPORTAGEM COM
PERSPECTIVA JORNALÍSTICA LITERÁRIA**

PONTA GROSSA

2022

JESSICA ALLANA GROSSI

MEMÓRIAS DO SEXTA ÀS SEIS EM UM LIVRO-REPORTAGEM COM
PERSPECTIVA JORNALÍSTICA LITERÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
bacharel em Jornalismo na Universidade Estadual
de Ponta Grossa.

Orientadora: Karina Janz Woitowicz

PONTA GROSSA

2022

Anexo IX do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

ATA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE JORNALISMO

Aos 4 dias do mês de abril do ano de 2022 nas dependências do Curso de Jornalismo, situado no Campus Central desta Universidade, reuniu-se a Banca Examinadora composta por:

Orientador(a): Karina Janz Woitowicz
Convidado(a): Diego Antonelli
Professor(a) indicado(a) pelo DeJor: Sérgio Luiz Gadini

A Banca avaliou o Projeto Experimental em Jornalismo (PEJ) sob o título "Memórias do Sexta às Seis em um livro-reportagem com perspectiva jornalística literária", de autoria de Jessica Allana Grossi. Após a apresentação e questionamentos realizados pelos membros da Banca, chegou-se aos seguintes resultados:

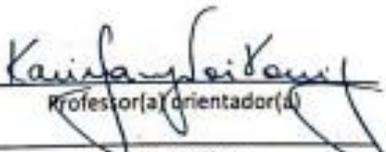
Professor(a) orientador(a), nota (9,0)
Convidado(a), nota (9,0)
Professor(a) indicado(a) pelo DeJor, nota (9,0)
Nota final: (9,0)

Resultado:
Aprovado (x)
Reprovado ()
Indicado para reapresentação ()

Recomendação para veiculação (x) Sim () Não () Não se aplica

Observações da banca para retificação da versão final:

Ponta Grossa, 4 de abril de 2022.



Professor(a) orientador(a)

Convidado(a)

Professor(a) indicado(a) pelo DeJor

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual

Responsabilizo-me pela redação do trabalho intitulado “Memórias do Sexta às Seis em um livro-reportagem com perspectiva jornalística literária”, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não) e que não sejam de nossa exclusiva autoria estão citados entre aspas e está identificada a fonte e a página de que foram extraídos (se transcrito literalmente) ou somente indicados fonte e ano (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizada legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 21 de março de 2022.

Jemila Allena Grossi

Acadêmico(a)

Número do RA: 18003667

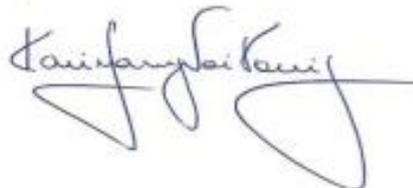
**Anexo XIII do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso
- TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO**

Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

ATESTADO DO ORIENTADOR SOBRE A VERSÃO FINAL

Atesto que a versão final do Projeto Experimental de título "Memórias do Sexta às Seis em um livro-reportagem com perspectiva jornalística literária", realizada pela acadêmica Jessica Allana Grossi, foi revisada em conformidade com as solicitações da banca examinadora registradas em ata, realizada no dia 04 de abril às 10 horas.



Karina Janz Weitowicz
Orientadora

“Era uma velha gravação em 45 rpm com “Something”, dos Beatles. Eu costumava ouvir todo o tempo quando era pequeno e pensava em coisas de gente grande. Eu ia para a janela do meu quarto e olhava meu reflexo no vidro, e as árvores por trás, e ouvia a música por horas. Decidi na época que, quando conhecesse alguém que eu achasse tão bonita quanto a canção, eu daria o disco de presente a essa pessoa.”

As Vantagens de Ser Invisível (Stephen Chbosky)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que de alguma forma contribuíram com este projeto e com a minha formação acadêmica.

Também agradeço a disponibilidade de todos os entrevistados, afinal não teria livro sem eles. Obrigada.

Um agradecimento especial à Larissa, que se dispôs a desenhar a ilustração da capa, a Mirella que sempre me auxiliou com as dúvidas do curso todo, a professora Dra. Karina Janz Woitowicz pela orientação neste trabalho, aos professores que participaram da banca de qualificação e fizeram apontamentos importantes e à Maria Fernanda por compor minha banca de qualificação. Obrigada!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste na produção de um livro-reportagem sobre o projeto Sexta às Seis, a partir de elementos do jornalismo literário. São apresentadas discussões sobre jornalismo cultural, livro-reportagem, jornalismo como formador de memórias e jornalismo literário, que oferecem as bases para a construção do livro. O tema do trabalho compreende o projeto Sexta às Seis, que teve o seu palco montado pela primeira vez em 1989 em Ponta Grossa, com destaque para as bandas que compõem o cenário musical independente na cidade e as políticas públicas para o setor. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e para a realização do livro foram utilizadas entrevistas e pesquisa documental.

Palavras-chave: jornalismo literário; livro-reportagem; Sexta às Seis; jornalismo cultural; construção de memórias.

ABSTRACT

This Course Conclusion Work consists of the production of a book-report about the Sexta às Seis project, based on elements of literary journalism. Discussions on cultural journalism, book-report, journalism as a maker of memories and literary journalism are presented, which offer the basis for the construction of the book. The theme of the work comprises the project Sexta às Seis, which had its stage set up for the first time in 1989 in Ponta Grossa, with emphasis on the bands that make up the independent music scene in the city and public policies for the sector. The methodology used was bibliographic research and interviews and documental research were used to produce the book.

Keywords: literary journalism, book-report, Sexta às Seis; cultural journalism; memory construction.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
2. TEMA	13
3. OBJETO	15
4. PROBLEMA DE PESQUISA	16
5. OBJETIVOS	17
6. JUSTIFICATIVA	18
7. METODOLOGIA.....	21
8. REFERENCIAL TEÓRICO	24
8.1. JORNALISMO COMO FORMADOR DE MEMÓRIAS.....	24
8.2. LIVRO-REPORTAGEM.....	28
8.3. JORNALISMO LITERÁRIO	31
8.4. JORNALISMO CULTURAL.....	36
8.4.1. Jornalismo Cultural e a pauta da música	38
8.5. SEXTA ÀS SEIS	39
9. DELINEAMENTO DO PRODUTO.....	41
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
APÊNDICE A – RELATÓRIO ANALÍTICO	51
APÊNDICE B – RELAÇÃO DE FONTES	59
APÊNDICE C – LIVRO-REPORTAGEM.....	61
APÊNDICE D – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA....	Erro!

Indicador não definido.

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Sexta às Seis está em funcionamento na cidade de Ponta Grossa, localizada no Paraná, desde 1989. O projeto incentiva a participação de músicos locais através de apresentações ao ar livre para a população em geral. Promovido pelo poder público, não há gastos aos ouvintes que podem apreciar os shows e o projeto ainda promove uma utilização do espaço público da cidade. Em 2020, os shows foram paralisados devido ao estado de pandemia com a promessa de que retornariam em um momento possível.

O Sexta às Seis está presente na cidade há trinta anos completos no início de 2020. Nos últimos três anos em que esteve em atividade, como observado em veículos jornalísticos da cidade de modo informal durante o acompanhamento diário das notícias, a cobertura dos shows ocorreu através de algumas imagens de passagem no telejornal da noite ou releases da Fundação Municipal de Cultura nos jornais impressos e nos veículos da web. No entanto, uma cobertura mais completa e aprofundada ainda não foi registrada sobre o tema.

Este trabalho auxiliou na produção de um livro-reportagem com o objetivo de rememorar os trinta anos do Sexta às Seis. Para produzir um livro-reportagem é necessário entrevistar em profundidade, coletar material documental e apoio de imagens para a formatação do produto final. Uma das características do livro-reportagem é abordar o assunto de forma aprofundada, por isso há uma tentativa de retratar a trajetória do projeto e assim abranger uma perspectiva histórica. As fontes abordadas para a produção do livro foram músicos, participantes e a organização, incluindo também fontes documentais em busca de apoio para os detalhes e reconstruções dos cenários da época.

O problema de pesquisa consiste justamente em utilizar recursos do jornalismo, em especial do Jornalismo Literário, para desenvolver uma narrativa em profundidade sobre o Sexta às Seis. O referencial teórico, através da metodologia de pesquisa bibliográfica, criou elementos que respaldaram a produção. Para tal, buscou-se neste trabalho entender o Jornalismo Literário e suas características, o Jornalismo Cultural e as especificidades da cobertura musical, bem como o papel do Jornalismo como formador de memórias e os aspectos inerentes ao formato Livro-Reportagem.

O referencial teórico deste projeto aborda as temáticas de livro-reportagem, Jornalismo Literário, jornalismo como formador de memórias, Jornalismo Cultural e a cobertura sobre música, necessárias para uma compreensão sobre o projeto Sexta às Seis. No Delineamento do

Produto é possível encontrar como foi desenvolvido o livro-reportagem, no que se refere ao levantamento de informações, à formatação e às inspirações para a produção.

2. TEMA

A temática do livro-reportagem, que é o objeto em questão deste trabalho, é o projeto Sexta às Seis, que completou 30 anos em 2020. No início os shows eram montados na Concha Acústica Carlos Gomes, localizada na Praça Barão do Rio Branco entre os anos de 1989 e 1992. Houve uma interrupção nas apresentações e, em 2005, os shows voltaram a acontecer até o ano de 2008 na Praça Barão do Rio Branco. Houve uma segunda interrupção e os shows retornaram somente em 2011 e 2012, no Coreto ao lado do complexo de lojas populares, próximo à Estação Saudade. Depois, os shows retornaram em 2014 na plataforma da Estação Saudade até o ano de 2017. Com o início das reformas na Estação Saudade em 2017, o palco passou a ser montado no Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas no ano de 2018. Durante 2014 até 2019, 244 bandas se inscreveram e participaram das seleções anuais. Com shows gratuitos, o Sexta às Seis funcionou como um impulsionador para a carreira de muitas bandas iniciantes de Ponta Grossa e da região. Um levantamento feito pela Fundação Municipal de Cultura mostra que nos últimos seis anos (2014-2019), 104 bandas de Ponta Grossa se apresentaram no palco do evento, que durante esse período passou da Estação Saudade para o Parque Ambiental. Nomes conhecidos pelo Brasil já se apresentaram no Sexta ao longo desses trinta anos como Índigo, Dazaranha, Wander Wildner, Nomade Orquestra e Blindagem.

A criação do projeto Sexta às Seis se deu ao fato de que, nos anos 1989, a Praça Barão do Rio Branco era o local com maior concentração de pontos de ônibus da cidade, que ainda não possuía um terminal de transporte público. Desta forma, a organização decidiu criar o projeto para que as pessoas se distraíssem e o horário de pico no transporte diminuísse. Com o passar do tempo o projeto começou a se manter por si próprio, sem relação com os problemas de transporte (ANDRADE; MONASTIRSKY, 2017).

O projeto teve início em 1989 e até os dias atuais passou por quatro interrupções, sendo a última delas no ano de 2020 por conta da pandemia de covid-19. Em 2020 as bandas selecionadas receberiam R\$ 1.400, com um aumento de R\$ 200 no cachê em relação a 2019, mas os shows foram cancelados em atendimento às medidas de distanciamento social. Por meio de uma postagem na página do Facebook do evento, a organização do projeto informou que os selecionados serão divulgados quando a situação melhorar. Em 2019 aconteceram 22 apresentações. Foram 11 sextas-feiras com shows. Naquele ano, o orçamento foi de R\$ 26,4 mil e o cachê dos músicos foi de R\$ 1.200 para cada banda selecionada.

Ao longo dos anos o projeto só vem aumentando, fazendo com que o público, as bandas e o local em que acontecem os shows sejam conhecidos na cidade. Como explicam Andrade e Monastirsky, que analisaram o Sexta às Seis na perspectiva do uso de espaços públicos da cidade: “Além disso, como o projeto envolve dinheiro público, os investimentos no “Sexta às Seis” são justificados pelo público participante e pelo número de bandas que se inscrevem, número esse que cresce a cada ano.” (ANDRADE; MONASTIRSKY, 2017, p.6).

Do ponto de vista cultural, devido ao seu público e aos shows de diferentes estilos, o projeto entra na pauta do jornalismo local, principalmente em veículos como *RPC*, *Diário dos Campos*, *Jornal da Manhã* e *ARede*. São produzidas matérias audiovisuais e textuais, geralmente em formato de agenda ou cobertura do evento no caso das matérias audiovisuais. O Sexta às Seis recebe cobertura da mídia local porque é um projeto antigo da cidade, envolto pela gestão do município ao longo desses anos, com identidade visual e um público consolidado. No entanto, o tratamento costuma ser episódico, limitado à perspectiva da agenda cultural da cidade.

3. OBJETO

O objeto deste trabalho é o livro-reportagem, tipo de produto jornalístico que já foi tema de extensa produção acadêmica e estudos relacionados. A pesquisa bibliográfica se faz necessária para selecionar quais autores e livros devem ser lidos. É necessária uma contextualização histórica do livro-reportagem para observar seu desenvolvimento em diferentes épocas, além de estabelecer quando os livros-reportagens surgiram no Brasil e quando ganharam espaço no mercado editorial.

O recorte se deve às aproximações do livro-reportagem com os elementos da literatura. O gênero literário de não-ficção, que inclui os livros-reportagens, se estabelece por utilizar histórias reais em uma narrativa com elementos literários. Esta aproximação da literatura e do jornalismo pode ser feita em diversos tipos de produto, no caso deste trabalho será abordado o livro-reportagem.

O objeto empírico se dá pela construção de um livro-reportagem sobre o tema Sexta às Seis. Optou-se por um recorte temporal mais distendido à medida que o projeto apresenta hiatos desde sua fundação em 1989. O livro-reportagem documental se dá pelo caráter de busca de materiais documentais sobre o projeto, desta forma se faz necessário contemplar os 30 anos do projeto. O tamanho previsto do livro-reportagem é de 60 páginas, entendendo que haverá elementos gráficos e fotos que devem compor o material. Para as entrevistas do livro foram selecionadas bandas, a instituição responsável pelo projeto (Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa), agentes culturais da cidade e o público. Buscou-se ainda materiais históricos disponíveis na cidade, como o acervo da Casa da Memória Paraná, para incorporar elementos sobre a trajetória do projeto.

4. PROBLEMA DE PESQUISA

Numa tentativa de sair da cobertura restrita à agenda cultural de eventos, o livro-reportagem busca rememorar os trinta anos de projeto, utilizando processos jornalísticos como a apuração, entrevistas e pesquisa documental. Através da pesquisa bibliográfica foi possível entender sobre os processos de produção de um livro-reportagem. Com as entrevistas e processos jornalísticos buscou-se obter a trajetória histórica do projeto ou, ao menos, um esboço do que foi o Sexta às Seis e suas transformações ao longo do período em que esteve em atividade.

Segundo Isabelle Anchieta de Melo:

Cabe ao jornalismo cultural escapar à limitação temática de lançamentos de CDs, livros e exposições de artistas consagrados para podermos, enfim, compreendermos o sentido forte de cultura, explorando mais as implicações das obras na sociedade do que, propriamente, reduzir o jornalismo cultural a uma agenda de eventos. (MELO,2010, p.4).

Um livro-reportagem permite uma análise mais aprofundada acerca do tema, não se limita ao espaço pré-definido de caracteres e pode conter uma linguagem mais solta, aproximando-se da literária. De certa forma, o livro-reportagem é atemporal, sem periodicidade, o que significa que ele resistirá ao tempo. Há a possibilidade de reconstituir ambientes, épocas e personagens para que o leitor compreenda todos os aspectos envolvidos na questão.

Em pesquisa prévia observou-se que não há muita sistematização do material disponível sobre o Sexta às Seis, correndo risco de que estes materiais possam se perder com o tempo. Um livro-reportagem reunindo registros da fundação do projeto, dos anos correntes em que funcionou e de reconstituição de época pode auxiliar o processo de formação de memórias.

Esta pesquisa pretende preencher, em alguma medida, a lacuna de conhecimento sobre o projeto com a elaboração do livro-reportagem. O desafio da produção do livro se dá desde a falta de sistematização dos registros acerca do projeto, em que se fez necessário um trabalho jornalístico de organização, busca por fontes, análise de documentos para enfim recriar o contexto histórico do Sexta às Seis e suas configurações na atualidade.

Desta forma, apresenta-se a seguinte pergunta problema: Como a elaboração de um livro-reportagem, utilizando elementos do Jornalismo Literário, pode auxiliar no resgate da trajetória do projeto Sexta às Seis e da sua relevância para o cenário musical da cidade?

5. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Produzir um livro-reportagem sobre os 30 anos do projeto Sexta às Seis para realizar um resgate da trajetória do projeto e suas contribuições para o campo cultural da cidade.

Objetivos Específicos

- Discutir o jornalismo como um possível construtor de memórias a partir de relatos e documentos sobre o Sexta às Seis;
- Utilizar características do Jornalismo Literário como a observação e a descrição detalhada na reconstrução de época na elaboração do livro-reportagem;
- Contribuir para o conhecimento sobre a cultura local, entrevistando as bandas que são componentes do cenário musical da cidade, possibilitando assim um espaço de expressão.

6. JUSTIFICATIVA

A temática deste trabalho é importante, pois durante os anos em que o projeto se manteve em atividade não houve uma produção jornalística de maior profundidade, como a produção de um livro-reportagem, em que o foco central fosse o circuito musical envolvendo o Sexta às Seis e as transformações ocorridas no projeto ao longo do tempo. Várias bandas passaram pelo projeto ao longo destes anos, principalmente bandas de Ponta Grossa. Ao longo do tempo o público foi se modificando e para este público é importante um registro, bem como para a história da cidade. Não se sabe o que vai acontecer com o Sexta às Seis após a pandemia, pois o projeto segue paralisado desde 2020. Como já houve três interrupções, é possível que o projeto paralise novamente. Mesmo que estejam ocorrendo apresentações de forma online em diversas áreas da cultura, nada foi confirmado sobre o retorno do Sexta às Seis. O projeto está sem data para iniciar pelo segundo ano consecutivo. Nesse caso, se mostra importante a produção do material como forma de registro e problematização sobre o tema.

Para a pesquisa em jornalismo, a pertinência do projeto está no processo de apropriação das leituras relacionadas ao objeto e na elaboração de um produto jornalístico em que se pode experimentar técnicas jornalísticas e recursos utilizados pelo Jornalismo Literário. Podemos observar especificidades do jornalismo neste meio já que serão vistos no decorrer do trabalho o formato do livro-reportagem, jornalismo como produção de história e memória, Jornalismo Cultural e cultura, Jornalismo Literário e o cenário da música na cidade de Ponta Grossa. O trabalho teórico auxilia a contribuir nas discussões sobre o tema.

Há uma extensa literatura acadêmica sobre livro-reportagem. Diversos trabalhos contemplam o tema. O Jornalismo Literário conta com nomes significativos no processo e no molde das características, já que há uma produção expressiva no mercado editorial. Porém os trabalhos acadêmicos relacionando livros-reportagens e Jornalismo Literário que se encontram em menor quantidade abrem espaço a uma nova abordagem acadêmica. Na Universidade Estadual de Ponta Grossa, durante os anos de 2006 a 2020, é possível encontrar 58 trabalhos entre grande reportagem, Jornalismo Literário e livros-reportagens. Cada estudante, dentro do curso de Jornalismo, deu um enfoque, escolheu um objeto e falou sobre o tema de forma diferente. Ainda há espaço para novas abordagens envolvendo livros-reportagens e o Jornalismo Literário.

Frequentemente os livros-reportagens são associados ao Jornalismo Literário. Tratando-se da escolha do livro-reportagem com temática cultural como objeto do trabalho, é importante tratar sobre esta forma de jornalismo e as suas especificidades. O Jornalismo Cultural na atualidade, em geral, acaba se preocupando mais com a agenda em si e não com uma análise mais elaborada sobre diversos temas culturais como políticas culturais, grupos culturais e a própria crítica cultural. Diversos autores reiteram essa perspectiva, como Daniel Piza (2007) e Isabella Melo (2010). Sendo assim, a escolha do formato do produto se dá pelo maior espaço e conseqüentemente maior disponibilidade para tratar de assuntos que nem sempre são contemplados pelo jornalismo ou não são tratados de forma aprofundada devido ao espaço limitado do jornalismo diário.

O enfoque do livro-reportagem será as histórias, personagens e acontecimentos envolvendo o Sexta às Seis, com um texto mais literário contendo descrições dos cenários de cada uma das fases. Esses elementos, embora possam ser feitos em uma grande reportagem, certamente ganham mais espaço em um livro-reportagem. O livro-reportagem de certa forma é atemporal, sobrevive por mais tempo do que as matérias do cotidiano que vêm e vão todos os dias. Permite a escrita mais literária, aprofundada e elaborada. Como são 30 anos, é justificável que o formato seja um livro, pois há um espaço mais amplo para abordar o tema.

À medida que o livro-reportagem for escrito, tratará de recuperar uma parte da memória de Ponta Grossa, como forma do jornalismo servir como um tipo de registro, de importância local aos habitantes. Para tanto, são mantidas características jornalísticas que não se anulam pelo formato, como por exemplo proximidade e temporalidade.

Entende-se que o livro-reportagem é o melhor formato para se contemplar o tema, bem como o objeto e o recorte. Poderia ser feito um documentário sobre os 30 anos do projeto Sexta às Seis, mas vários problemas atravessariam a produção. O primeiro deles seria a recuperação de gravações antigas do projeto. Sem imagens um documentário histórico perderia toda a nostalgia e o impacto visual. Outra questão é a pandemia de covid-19. No seu segundo ano consecutivo, a pandemia dificulta o acesso e a interação entre entrevistador e entrevistado.

No formato livro-reportagem é possível desenvolver o tema e fazer com que o leitor capte todo o assunto abordado. Alguns cuidados são necessários na produção de um livro-reportagem, como por exemplo a escolha e o tratamento das fontes. Há também uma possibilidade de escrita diferenciada, não tão presa às amarras do jornalismo informativo.

O presente tema também é pertinente ao jornalismo como pauta para a produção de um livro-reportagem, já que o Sexta às Seis é um programa sólido na cidade. Com trinta anos de história e uma agenda fixa, o Sexta, como é chamado pelos frequentadores, já reuniu diferentes gerações, contemplou diversos músicos e movimentou locais públicos da cidade.

O livro-reportagem é ideal para a exploração por acadêmicos de jornalismo porque possibilita uma maior liberdade ao escrever e também exercita a apuração, hierarquia de informações e a entrevista. Para a formação pessoal, a produção de um livro-reportagem é muito enriquecedora, pois além de ter contato com os processos de produção jornalísticos há um aprofundamento em um tema e um formato que geralmente não são vistos ao longo do curso. Desta forma, com este trabalho, pretende-se chegar a um produto que auxiliará na reflexão sobre o livro-reportagem e sobre o uso de elementos relacionados com o Jornalismo Literário na construção de uma narrativa sobre a produção cultural musical na cidade.

Do ponto de vista pessoal, devido à afinidade com o tema, bem como o trabalho realizado durante os anos de 2018 a 2021 no projeto de extensão Cultura Plural do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, e o interesse pela forma do produto, a escolha de um livro-reportagem sobre o projeto Sexta às Seis se faz pertinente à medida que desenvolve habilidades, tanto jornalísticas quanto de escrita literária, em um dos campos que a acadêmica já está em contato desde os primeiros anos do curso. A escolha do tema se deu ainda em 2020, na primeira produção sobre o início do projeto naquele ano, para Crítica de Mídia, disciplina curricular do terceiro ano. Foi possível acompanhar o projeto mais de perto, como ouvinte, na Estação Saudade. Após um pouco de distanciamento do público, percebeu-se que havia mudanças significativas no formato, nas bandas, no público e até mesmo na gestão pública encarregada. Em trinta anos de projeto é normal que aspectos se alterem, mas até que ponto aquilo impactou significativamente na vida das bandas que se apresentavam?

Ao longo do curso o formato livro-reportagem e até outros formatos como documentário e podcast não encontram muito espaço em meio às disciplinas. Falta espaço na grade curricular para escrever e estudar de forma aprofundada a bibliografia dos livros-reportagem e do Jornalismo Literário. Por isso a importância de ainda na graduação desenvolver um livro-reportagem, de modo que se torne possível aprimorar o estilo, os processos jornalísticos e entender aspectos específicos do produto.

7. METODOLOGIA

Para abordar a metodologia utilizada neste trabalho, é necessário relacionar as bases teóricas e os processos de produção do produto. A teoria auxiliará na produção do livro-reportagem enquanto o livro-reportagem auxiliará a pensar nos processos jornalísticos envolvidos e na forma do produto. Os dois aspectos – bases teóricas e técnicas jornalísticas – envolvem processos diferentes e metodologias muito parecidas, com a diferença da finalidade e do uso. Na parte teórica será utilizada a metodologia de pesquisa de literatura, que envolve leitura de textos e outras monografias, e por fim, uma descrição do tema bem como uma contextualização histórico-social para maior compreensão sobre o assunto tratado.

O trabalho teórico envolve discussões sobre Jornalismo Cultural com autores como Piza (2007), Melo (2010) e Ballerini (2015). O jornalismo como formador de memórias apresenta os autores Ricoeur (2003), Nora (1993) e Huyssen (2000). Já o Jornalismo Literário e livro-reportagem com os autores Belo (2006), Pena (2007) e Lima (2009). A diferenciação de livro-reportagem para uma grande reportagem é basicamente o formato. Um livro é um suporte que, como audiovisual, áudio ou jornal, apresenta especificidades próprias que merecem ser tratadas e compreendidas.

É necessária esta revisão de literatura sobre os temas acima elencados a fim de reunir materiais importantes para um embasamento teórico que orientou a elaboração do produto. A leitura de textos precisa ser feita e apresentada para maior compreensão do que já foi feito e discutido até aqui acerca do objeto livro-reportagem. O livro de Christian Lville e Jean Dionne (1999) fala sobre a importância de o pesquisador elaborar uma pergunta central de pesquisa antes de iniciar a revisão de literatura. O pesquisador necessita de materiais que o auxiliem a construir a sua própria pesquisa, pois se ler todos os materiais disponíveis vai perder o foco da leitura, que é para auxiliá-lo a levantar um debate.

Primeiro, a revisão da literatura refere-se ao estado da questão a ser investigada pelo pesquisador. Não se trata, para ele, de se deixar levar por suas leituras como um cata-vento ao vento. O pesquisador tem um centro de interesse — sua pergunta —, que jamais deverá perder de vista. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.112).

No trabalho teórico será utilizada principalmente a metodologia de pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica envolve autores, revistas, publicações, jornais, livros e artigos já produzidos a fim de verificar o conhecimento construído sobre o tema e analisar qual o melhor método para elucidar o problema de pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 1992).

Na confecção do produto, que envolve processos fundamentados nas bases teóricas, serão utilizadas técnicas jornalísticas aplicadas. É necessária uma diferenciação das técnicas jornalísticas para as metodologias utilizadas por pesquisadores, pois muito se assemelha em algumas questões como a utilização de entrevistas, a observação e a pesquisa documental.

Stela Caputo analisa alguns conceitos de entrevista em seu livro *Sobre Entrevistas: Teoria, Prática e Experiências*. A autora reuniu definições de pesquisadores e jornalistas sobre entrevistas até chegar a um conceito sobre entrevista:

a entrevista é uma aproximação que o jornalista, o pesquisador (ou outro profissional) faz, em uma dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos. Mas é só isso? Talvez não. (CAPUTO, 2006, p.28).

A autora ressalta a dificuldade de definir e enquadrar o que é uma entrevista, tanto a jornalística quanto a feita em pesquisas. A entrevista como forma metodológica se assemelha muito à entrevista feita por jornalistas, mas as duas têm finalidades diferentes. A metodologia para coleta de dados em uma pesquisa qualitativa e a jornalística para elucidar temas da realidade, investigar, saber sobre algo. Neste trabalho de conclusão de curso, somente a entrevista jornalística será utilizada. As entrevistas jornalísticas fornecerão material para a construção do produto.

A pesquisa documental, utilizada na elaboração do produto, se difere da pesquisa documental como método de pesquisa já que esta olha para dados que ainda não foram tratados cientificamente. A pesquisa documental em um livro-reportagem auxilia na compreensão do tema, bem como na verificação de fatos, já que traz documentos e cruza com as informações cedidas pelas fontes.

O livro-reportagem utilizará recursos oriundos das entrevistas e da pesquisa documental no processo de apuração e buscará ainda desenvolver a narrativa a partir de aspectos e características do Jornalismo Literário, reunindo elementos referentes ao conteúdo e à forma na realização do produto final.

Para a confecção do produto foi realizado um levantamento de fontes relacionadas ao projeto Sexta às Seis. Num primeiro momento se categorizou as fontes por áreas de interesse como por exemplo músicos, agentes culturais e agentes do poder público. Realizando as entrevistas foi possível chegar a mais nomes relacionados ao projeto. Nem todos foram entrevistados devido ao tempo limitado da apuração, mas os nomes foram coletados mesmo

assim devido à sua ligação cultural com a cidade e por se tratarem de nomes possíveis de ser entrevistados caso as fontes selecionadas se dispusessem por diversos motivos. A lista contém 70 nomes e em sua maioria eram bandas que já tocaram no projeto. A maior parte destes nomes não apresentou um contato facilitado, o que os tornou inviáveis.

8. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico embasará todas as discussões feitas neste trabalho e auxiliará na confecção do produto, já que contém aspectos sobre o formato e as finalidades do livro-reportagem. Serão utilizados autores para embasar as discussões sobre o tema, objeto e os processos jornalísticos. Assuntos como jornalismo como formador de memórias, Jornalismo Cultural, cobertura musical no Jornalismo Cultural, Jornalismo Literário e livro-reportagem serão tratados, já que este trabalho se propõe a embasar a produção de um livro-reportagem.

8.1. JORNALISMO COMO FORMADOR DE MEMÓRIAS

Antes de falar sobre como o jornalismo forma memórias é importante discutir o que é a memória, locais de memória e o esquecimento. O fato de lembrar está relacionado ao medo de esquecer como discutem alguns autores como Ricoeur e Huyssen. Ricoeur (2003, p.1) considera que o esquecimento faz parte “da condição histórica de humanos que somos”.

Paul Ricoeur (2003, p.5) diz que o trabalho do historiador não é o único que pode representar o passado. Como exemplos o autor cita peças de teatro, textos de ficção, ensaios e panfletos. Ricoeur não faz citação direta ao jornalismo ou à mídia, mas fala sobre a incapacidade de narrar tudo. “Se somos incapazes de nos lembrar de tudo, somos ainda mais incapazes de tudo narrar; a ideia de narrativa exaustiva é uma perfeita insensatez” (RICOEUR, 2003, p.7). Assim o recorte é importante para delimitar uma narrativa, e sabemos que ela não inclui tudo o que aconteceu, afinal há o viés do narrador, a perspectiva dos próprios personagens e as suas memórias.

O estudo e as discussões sobre a memória foram se tornando mais fortes no Ocidente a partir de 1960 após a descolonização, momento em que os povos necessitavam recuperar suas próprias identidades. Os novos movimentos sociais auxiliaram nesse processo de relembrar. O autor Andreas Huyssen (2000) afirma no livro *Seduzidos pela Memória* que a partir de 1970 há uma comercialização da memória por meio da indústria cultural (HUYSSSEN, 2000). O Ocidente, cada vez mais preocupado em não se esquecer, começa a produzir filmes, documentários, livros e demais produtos midiáticos para registrar acontecimentos. Huyssen também discute as críticas à nova forma de produção advinda com a internet, onde a memória está disponível em cinco cliques.

Com frequência crescente, os críticos acusam a própria cultura da memória contemporânea de amnésia, apatia ou embotamento. Eles destacam sua incapacidade e falta de vontade de lembrar, lamentando a perda da consciência histórica. A acusação de amnésia é feita invariavelmente através de uma crítica à mídia, a despeito do fato de que é precisamente esta - desde a imprensa e a televisão até os CD-Rooms e a Internet - que faz a memória ficar cada vez mais disponível para nós a cada dia. (HUYSSSEN, 2000, p.18).

O autor questiona os efeitos da mídia sobre a memória dizendo que o consumismo pode estar criando uma cultura do esquecimento. Porque seguindo esta lógica, quanto mais lembrarmos mais vamos esquecer (HUYSSSEN, 2000). Para combater o esquecimento lançamos mão de estratégias e rememorações públicas e privadas. Huyssen chega a utilizar a expressão “terror do esquecimento”. A maioria destas estratégias nos dias de hoje são produtos midiáticos. O surgimento das novas tecnologias influencia nesse cenário, principalmente a internet e a globalização que também mudou os processos de consumir produtos culturais.

O autor não oferece soluções para esse sistema e levanta mais um questionamento: "Neste meio tempo temos que perguntar: como poderiam ser garantidas, estruturadas e representadas as memórias locais, regionais e nacionais?" (HUYSSSEN, 2000, p.32). Levando em conta que a globalização faz com que a mídia condicione certos produtos para adequar em diferentes locais do mundo, como por exemplo em um filme, uma boa alternativa seriam os produtos regionais focados para determinado grupo, com as memórias e a linguagem pertinente ao grupo que se identificaria com o material, mas não faria sentido a outro grupo de outro local do mundo.

Outro importante estudioso da memória é o autor Maurice Halbwachs (1990) que afirma que indivíduos só são capazes de lembrar porque se conectam a grupos, mesmo que o trabalho de lembrar precise ser feito pelo sujeito. Em contrapartida, Huyssen diz que o conceito de memória coletiva de Halbwachs está ultrapassado já que Huyssen diz que elas “não são adequadas para dar conta da dinâmica atual da mídia e da temporalidade, da memória, do tempo vivido e do esquecimento.” (HUYSSSEN, 2000, p.19). O autor se questiona se é possível que a memória coletiva firmada em grupos de Maurice Halbwachs seja capaz de dar conta já que há vários grupos étnicos específicos e fragmentados. Huyssen considera que por conta da cultura atual, a memória coletiva entra em xeque. Ana Paula Goulart Ribeiro estabelece duas formas de memória coletiva que dão conta da cultura atual e os grupos sociais de Maurice Halbwachs.

Há, de um lado, uma memória oficial, que, ao selecionar e ordenar os fatos segundo certos critérios, se constrói sobre zonas de sombras, silêncios, esquecimentos e repressões. De outro lado há, opondo-se à oficial, várias memórias coletivas subterrâneas, que, seja nos quadros familiares, em associações ou em grupos étnicos, culturais ou políticos, transmitem e conservam lembranças proibidas ou simplesmente ignoradas pela visão dominante. Os limites entre essas duas memórias são, obviamente, muito difíceis de traçar. Apesar de obedecerem a lógicas diferentes (até mesmo opostas), não há, entre elas, separação estanque. As memórias se perpassam, se contaminam pelo princípio dialógico de que se constituem. (RIBEIRO, 2000, p.31).

Outro aspecto importante no que diz respeito a como o jornalismo pode formar memórias são o que Nora chama de Lugar de Memória. O conceito abordado pelo autor pode ser aplicado a alguns produtos do jornalismo. O próprio livro-reportagem pode ser um local de memória físico. Há três tipos de locais de memória: material, simbólico e funcional. Um livro seria funcional pois é explícita sua função. Material são os monumentos, funcional e simbólicos, que são os locais em que a imaginação investe uma aura simbólica (NORA,1993). Um acontecimento, desde que simbólico ao indivíduo que presenciou, pode ser um local de memória. Mas o autor diz que nem todos os grandes acontecimentos são locais de memória.

Somente dois tipos dentre eles são relevantes, que não dependem em nada do seu tamanho. De um lado os acontecimentos, por vezes ínfimos, apenas notados no momento, mas aos quais, em contraste, o futuro retrospectivamente conferiu a grandiosidade das origens, a solenidade das rupturas inaugurais. De outro lado, os acontecimentos onde, no limite, nada acontece, mas que são imediatamente carregados de sentido simbólico e que são eles próprios, no instante de seu desenvolvimento, sua própria comemoração antecipada; a história contemporânea, interpretada pela mídia. (NORA, 1993, p.25).

Ou seja, o autor reconhece que produções culturais, podendo incluir o jornalismo, adquirem o simbolismo necessário para transformar um acontecimento em grande acontecimento e conseqüentemente em um lugar de memória. Como a memória não é exclusiva da História, já que é uma forma de representação coletiva (RIBEIRO, 2000), é possível reconhecer que o jornalismo apresenta esse viés de representação social. “A mídia é o principal lugar de memória e/ ou de história das sociedades contemporâneas.” (RIBEIRO, 2000, p.33)

A autora cita em seu trabalho os atravessamentos que são próprios do jornalismo como a formação do discurso jornalístico, a objetividade que sempre é questionada e a visão do jornalismo como uma empresa com lógicas próprias. Ela reitera que “o discurso jornalístico possui, assim, uma certa objetividade, *um efeito de sentido*, produzido por suas próprias estratégias enunciativas. E é essa objetividade o que lhe atribui, nas sociedades

contemporâneas, o estatuto de porta voz das verdades factuais” (RIBEIRO, 2000, p.35). Neste caso, sabendo-se dos processos de produção jornalísticos, é possível considerar que o jornalismo produz memória. Lembrando que um discurso nunca é isento. “O discurso é uma zona tensional, na qual o sentido não é nunca dado” (RIBEIRO, 2000, p.42).

As verdades factuais são verdades do jornalismo diário, “Uma página de jornal é um reflexo vivo das contradições da realidade social no corte de um dia” (RIBEIRO, 2000, p.42). Segundo a autora, estas verdades factuais podem ser "memoráveis no futuro”. Por conta deste conceito de objetividade, implementado principalmente a partir da produção industrial do jornalismo, os jornais são utilizados pelos historiadores a fim de realizar um recorte de época. A autora relembra que é necessário ter cuidado com os vieses de cada veículo (RIBEIRO, 2000).

Na justificativa deste projeto é apresentado o papel do jornalismo como formador de memórias. Tratando-se de um livro-reportagem com o objetivo de rememorar um projeto cultural, o jornalismo como formador de memórias é de extrema importância, pois Walter Benjamin entende que a memória é a reconstrução de experiências do passado no tempo presente. Carlos Hugo Studart Corrêa produziu um artigo utilizando a obra de Walter Benjamin e o relacionando especificamente com o jornalismo:

O historiador – e o jornalista – pode buscar reconstruir essas memórias diretamente nos escritos deixados pelo passado – documentos oficiais, cartas, poesias – ou trabalhando com a reconstrução das lembranças que os sobreviventes de um determinado acontecimento trazem do passado no presente. (CORRÊA, 2014, p.86).

O jornalismo pode formar memória como já discutiu o autor. No caso de um livro-reportagem, que não tem o mesmo imediatismo que uma matéria de jornal diário, por exemplo, a memória já vem relacionada com o próprio formato. Livros têm maior durabilidade, assim como os materiais jornalísticos inseridos nestes formatos. Monica Andressa da Cruz e Hélio Afonso Etges abordam o tema e acrescentam que o jornalista precisa atualizar as informações de casos históricos.

Neste tipo de livro, além de haver informações baseadas em documentos escritos durante o período dos respectivos acontecimentos, há atualizações sobre esses episódios que contribuem para a manutenção da sociedade, da História e do Jornalismo. Isso se deve, especialmente aos profissionais da área do Jornalismo que, ao se basearem no que foi escrito e documentado, buscam novas informações a fim de atualizar os fatos. (CRUZ; ETGES, 2018, p.8).

Durante a produção de um livro-reportagem que tem o objetivo de rememorar um projeto é importante que apareçam as atualizações. Na pesquisa inicial do tema não foi possível precisar porque as interrupções do projeto aconteceram. A apuração, ao longo do processo, se mostrou uma importante para a característica jornalística do produto. Já que mesmo que forme uma memória, o papel inicial do jornalismo não é fazer história, nem educar, nem conscientizar, embora às vezes ele possa indiretamente auxiliar nestas questões.

O jornalismo pode relembrar através da lembrança de datas comemorativas, por exemplo. Anna de Carvalho Cavalcanti (2020), em sua tese de doutorado, relaciona a memória e o Jornalismo Cultural. Segundo a autora o jornalismo, através das efemérides, faz as memórias retornarem. “Ao fazer essas memórias re-circularem, abre-se espaço a uma memória que não é estanque, mas constantemente reiterada, à medida que toca o presente, ciclicamente” (CAVALCANTI, 2020, p. 113). As efemérides desempenham um importante papel na memória coletiva. “Devemos levar em conta que a efeméride não é apenas uma narrativa do passado, mas um processo multidirecional, entre o passado e o presente, que concretiza uma memória cultural” (CAVALCANTI, 2020, p. 113).

Percebemos que há esta prática do Jornalismo Cultural de rememorar assim como no jornalismo diário quando relembra eventos e cenários, por exemplo. Embora não seja trabalho do jornalismo fazer história, ele certamente contribui na memória coletiva fazendo com que situações voltem à tona.

8.2. LIVRO-REPORTAGEM

O livro é um suporte utilizado no jornalismo para matérias aprofundadas que não obtiveram espaço na mídia convencional, que trabalha com um espaço selecionado e pequeno, ou que se desmembraram de matérias publicadas em série que renderam muito na hora da apuração. As grandes reportagens, publicadas em veículos tradicionais e que posteriormente foram publicadas em livros-reportagens devido ao grande volume de informações, já vinham sendo feitas há anos em jornais e revistas quando os livro-reportagens surgiram. O primeiro livro a ser denominado de não-ficcional em âmbito internacional foi o trabalho de John Hersey publicado no *The New Yorker* como uma reportagem em 1946 e posteriormente com o formato de livro-reportagem, chamado de Hiroshima, lançado no mesmo ano. O autor retrata a história de seis sobreviventes da bomba atômica lançada em Hiroshima, no Japão. No Brasil, os precursores das grandes reportagens foram Euclides da Cunha e João do Rio, ambos com o seu

material reunido em formato de livro após as publicações em jornais no formato de série. Euclides da Cunha publicou uma série sobre a guerra de Canudos e João do Rio sobre aspectos cotidianos do Rio de Janeiro.

A publicação mais expressiva de livros-reportagens se iniciou no Brasil na década de 1980. Eduardo Belo, em *Livro-reportagem*, observa que na época havia condições perfeitas para o surgimento destas publicações. No período também mudou a forma como as reportagens eram produzidas. Surgiram então reportagens mais descritivas e menos interpretativas. Também nos anos 1980 o mercado editorial do Brasil cresceu, abrindo espaço aos jornalistas que desejavam publicar seus livros (BELO, 2006). O autor também destaca que o livro ocupa o espaço deixado pela cobertura superficial feita pelos veículos da grande imprensa. “Além da crise específica dos veículos impressos, a produção jornalística literária foi influenciada diretamente pela abertura política e fim do regime militar e pela profunda instabilidade pela qual passou a economia brasileira” (BELO, 2006, p.53).

Para Piza (2007) e Ballerini (2015), nos últimos anos, o jornalismo cultural vem se expandindo cada vez mais para os livros. Há uma criação de pautas específicas para o formato de livro-reportagem que diferem das pautas apresentadas todos os dias nas redações.

As características do livro-reportagem diferem de outros produtos do jornalismo como, por exemplo, produtos em audiovisual e do jornalismo diário, como observa Edvaldo Pereira Lima no livro *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. “O livro-reportagem obedece, em linhas gerais, às particularidades específicas à linguagem jornalística, facilmente identificáveis na mensagem que veicula, mas naturalmente oferece maior maleabilidade de tratamento [...]” (LIMA, 2009, p.28). Como há um espaço maior para o aprofundamento do assunto, não há necessidade de leads. Pelo contrário, uma boa escrita e aproximação do Jornalismo Literário no livro-reportagem garante mais sucesso ao captar leitores que se interessam pelo tema. O livro-reportagem possibilita uma escrita mais solta das amarras do jornalismo diário principalmente pela questão do espaço. É o que Edvaldo Pereira Lima chama de “maior elasticidade do que se aplica às publicações periódicas” (LIMA, 2009, p.30).

Entendendo a reportagem como a ampliação da notícia, a horizontalização do relato - no sentido da abordagem extensiva em termos de detalhes - e também na sua verticalização - no sentido de aprofundamento da questão em foco, em busca de suas raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis -, o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa de reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro dado nas redações. (LIMA, 2009, p.26)

Existem livros-reportagens de diversos temas e com diversas funções. Lima categoriza algumas funções de livros-reportagens. O que o autor chama de livro informativo arredondado surge de uma matéria jornalística que necessitava de mais espaço no jornalismo diário, mas não obteve e desta forma foi deslocada para o livro-reportagem onde poderia ser tratada com mais fôlego. Há também os livros-reportagens opinativos e os interpretativos que buscam vários ângulos do problema e o jornalismo investigativo e diversional (LIMA, 2009). O autor observa que é possível caracterizar as temáticas, mas que elas costumam ser tão diversas ao ponto de se confundirem (LIMA, 2009).

O conteúdo do livro-reportagem, segundo Lima, corresponde ao real e factual. A atualidade para Lima é muito importante já que se trata de um trabalho jornalístico. Esta atualidade pode vir a ser de um fato atual que está repercutindo na mídia ou temas que estão distantes, mas que podem trazer novas explicações ou fazer uma ponte com a atualidade (LIMA, 2009). Em se tratando de um trabalho jornalístico, a veracidade e a verossimilhança também são fundamentais (LIMA, 2009). As diferenças entre o livro-reportagem e grandes reportagens em suportes variados como audiovisual, impresso ou digital são apenas no formato. Todas estas modalidades são atravessadas pelos processos jornalísticos como checagem, apresentação de fontes, pesquisa documental e entrevistas.

Sobre a função do livro-reportagem, Edvaldo Pereira Lima diz que é trabalho do repórter auxiliar o leitor com tantas camadas do fato que forem possíveis para que ele compreenda o alcance do tema (LIMA, 2009). Certamente há mais espaço disponível em um livro para este aprofundamento.

A identificação das funções do livro-reportagem e a categorização de temas são pertinentes a este trabalho à medida que as funções primordiais do livro-reportagem são informar e orientar (LIMA, 2009). Todas as temáticas que norteiam os livros-reportagens podem ser categorizadas, mas sua função principal, tal qual o jornalismo, ainda permanece.

O aprofundamento no tema do livro-reportagem é uma característica que norteia o trabalho. O leitor necessita de um conteúdo que não encontraria no jornalismo diário, seja por falta de espaço ou por rapidez de consumo. A leitura de um livro-reportagem é diferenciada à medida que o produto possui suas especificidades. Não há uma amarração com a estrutura fixa do lide, possibilitando uma escrita mais livre.

8.3. JORNALISMO LITERÁRIO

No Brasil o Jornalismo Literário iniciou, assim como no mundo, entre os séculos XVIII e XIX. Balzac já utilizava de elementos da observação jornalística em seus livros e escritos. Segundo Pena, os escritores de prestígio dominavam as redações, modificando assim a linguagem, as edições nos textos e as pautas da época (PENA, 2007). O escritor-jornalista só foi consolidado no século XX.

Eduardo Belo destaca em seu livro as técnicas utilizadas pelos autores do Jornalismo Literário. Segundo o autor, as mesmas técnicas funcionam muito bem na produção de um livro e em grandes reportagens. “A tal técnica consistia em, simplesmente, narrar os fatos com recursos mais próximos da literatura do que da linguagem apressada, telegráfica e enxuta – não necessariamente no bom sentido do termo – do jornalismo” (BELO, 2006, p.24).

Esta linguagem enxuta é necessária em veículos impressos e até nos veículos jornalísticos da web, pois as pessoas desejam ser informadas rapidamente. Os leitores já estão habituados ao formato das notícias e os veículos têm um espaço limitado do ponto de vista cultural, por isto o lead se faz necessário, dentro dos parâmetros do jornalismo convencional. Já em um livro-reportagem, onde esse espaço é estendido, não é necessária uma linguagem telegráfica. É preciso inserir o leitor em um ambiente, descrever o local, a época, mostrar os personagens.

Erik Neveu diz que o espírito do Jornalismo Literário é “transcender a separação jornalismo/literatura. Trata-se, primeiramente, de tomar emprestado dos mestres do romance realista como Balzac sua postura de ‘secretários’ da sociedade” (NEVEU, 2005, p. 132). Para Neveu, as características do Jornalismo Literário que provocam esta aproximação envolvem a narração com a utilização de marcadores sociais como vestimentas nas descrições (NEVEU, 2005).

Felipe Pena destaca que o Jornalismo Literário precisa ultrapassar os limites do jornalismo do cotidiano enquanto rompe com as barreiras do lead e buscar outras fontes que não sejam as governamentais e especialistas que sempre são procuradas. Também é necessário garantir a perenidade do assunto tratado enquanto se dá profundidade (PENA, 2007, p. 48-49). Esta profundidade só é possível com uma pesquisa aprofundada, várias entrevistas recheadas e refeitas em caso de dúvidas, e uma interpretação do assunto abordado.

Já as técnicas citadas por Belo ao estudar os expoentes do Jornalismo Literário são reconstrução de fatos, descrições de cena, reconstrução de ambientes e da época, evitar menção constante de fontes, reproduzir diálogos com o máximo de exatidão, delimitar o tempo e o espaço da narrativa (BELO, 2006). Os dois autores concordam que é necessário sair do jornalismo informativo e entrar em outro patamar para a produção de um livro-reportagem.

Situar o espaço e o tempo do livro-reportagem também é importante, pois se trata de um trabalho feito para durar mais que a validade convencional dos jornais de um dia, já que um livro permanece no imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos (PENA, 2007).

Estas técnicas, se utilizadas corretamente e desde o início da coleta de material para o livro, citadas pelos autores, dão característica à escrita do Jornalismo Literário inserida no formato livro-reportagem. Por se tratar de um trabalho extenso, é necessário que o leitor se interesse por lê-lo. Consequentemente, é necessária uma boa administração do material que se tem em mãos e técnicas de escrita mais próximas às literárias, para que o leitor se prenda ao conteúdo e o compreenda. Além de um assunto atrativo, que renda um livro, é necessária uma linguagem diferenciada, que explique e dê conta do assunto abordado.

Há uma confusão no que se refere ao termo Jornalismo Literário, pois ele abre espaço para diversas interpretações. Para Ballerini, o termo Jornalismo Literário se refere apenas ao Jornalismo Cultural que trata sobre a literatura. Sobre isso, Felipe Pena faz um resumo das várias interpretações possíveis.

No Brasil o jornalismo literário é também classificado de diferentes maneiras. Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente no século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculadas em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como new journalism, iniciado nas redações na década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística. (PENA, 2007, p. 56).

Pena considera todas estas interpretações como possíveis e trata cada uma como subgênero do jornalismo. Edvaldo Pereira Lima também discute esta confusão de interpretações.

Essa existência pouco convencional do jornalismo literário, habitando o terreno de interconectividade intelectual entre o jornalismo e a literatura, fez com que a modalidade ganhasse denominações diversas, até que passasse a predominar essa

mesma – com ressalvas e restrições, sem uma aceitação hegemônica –, ficando limitadas a um segundo plano outras opções, como jornalismo narrativo, literatura criativa de não-ficção, literatura da realidade. (LIMA, 2016, n.p).

O autor também ressalta que esta não-classificação vem desde sua origem no século XX, quando reportagens e coberturas de guerra eram feitas seguindo os parâmetros do Jornalismo Literário (LIMA, 2016).

As revistas brasileiras foram um marco na utilização de elementos do Jornalismo Literário para a produção das suas grandes reportagens. Os repórteres no início se baseavam no gênero da crônica e de revistas estrangeiras para a linguagem dos textos das revistas (ABRIL, 2000). A revista *Ilustrada*, o exemplo mais emblemático da época, começou a circular em 1876 e seguiu até o ano de 1898; ela tratava com muito humor de temas como corrupção, política e sociedade.

A cobertura da Guerra do Paraguai (1864-1870) proporcionou material para as reportagens de revista. No início a cobertura era baseada somente em relatos oficiais ou transcrição de cartas do front, mas em 1865 a revista *Semana Ilustrada*, que teve o período de circulação entre os anos de 1823 a 1882, convenceu alguns oficiais a mandarem relatos da guerra (ABRIL, 2000).

Em 1900, as revistas com fotografias iniciaram sua trajetória com a publicação de textos com fotos e grandes reportagens. A primeira a utilizar as fotos integradas com os textos foi a *Revista da Semana*. Havia também outros expoentes como a revista *Fon-Fon!*, que já mostrava indícios de publicações de perfis. “Os personagens costumavam exibir algum feito extraordinário no currículo” (ABRIL, 2000, p.44). Entrando na onda das fotorreportagens, a revista *O Cruzeiro*, criada em 1928, foi a pioneira em inovação em ensaios fotográficos e fotomontagens, mas pecava no quesito apuração. Isto porque a pressão exercida para a venda dos exemplares, devido à competição com outras revistas da época e com a televisão que viria a seguir, fazia com que algumas matérias de cunho sensacionalista fossem divulgadas. “Apesar de tantos feitos, *O Cruzeiro* estava longe de ser um modelo de rigor e isenção jornalísticos. A revista chegou a apresentar como real a fotomontagem do que teria sido um “desfile de discos voadores no céu do Rio de Janeiro” em uma noite de 1952.” (ABRIL, 2000, p.50). Apesar disso, a revista chegou à marca de 720 mil exemplares vendidos em agosto de 1954 com a cobertura do suicídio de Getúlio Vargas.

Foi neste período que os perfis, outro elemento importante no Jornalismo Literário, entraram em cena como observa o autor Vilas Boas (2014, p.39): “Mas foi a partir da década de 30 que jornais e revistas começaram a apostar mais neles. No início, os personagens mais retratados eram os olímpianos do mundo das artes, da política, dos esportes e dos negócios.”

Nos anos 40, a revista *Diretrizes* (1938) de Samuel Wainer fez um enorme sucesso para a época. *Diretrizes* foi onde Joel Silveira escreveu “Eram Assim os Grã-Finos em São Paulo” em 1943, retratando a vida da alta sociedade paulistana. Tratando de temas políticos, a revista sofria grande censura na época, o que dificultou sua circulação. As vendas então foram decaindo até seu fim em 1944 (ABRIL, 2000).

Uma forte competidora da revista *O Cruzeiro* foi a revista *Manchete*. Criada em 1952 e publicada a cores, a revista tratava das fotos com maior apreço do que as outras publicações anteriores (ABRIL, 2000). A cobertura da construção de Brasília foi amplamente divulgada na revista criada por Adolpho Block. Em 1960, a revista *Manchete* vendeu mais de 600 mil exemplares em dois dias.

Em 1966, a revista *Realidade* foi criada por Victor Civita e contava com “ousadia dos temas, investigação aprofundada, texto elaborado e ensaios fotográficos antológicos” (ABRIL, 2000, p.56). Mas o início da revista foi marcado também pelo início do regime militar (1964-1985) e ao longo do tempo foi difícil para a revista *Realidade* continuar tratando com ousadia os seus temas. Uma das edições de 1967 da revista *Realidade* foi dedicada à mulher brasileira. Foram feitas mais de 1.200 entrevistas em três meses de investigação. Naquela edição se falava sobre sexo, frustração no casamento e independência feminina (ABRIL, 2000).

O bastante para que parte da edição fosse apreendida, sob a alegação de “atentar contra a moral e os bons costumes”. A pressão haveria de tornar-se insuportável depois da decretação do Ato Institucional nº5, em dezembro de 1968, contribuindo para asfixiar a vigorosa reportagem de *Realidade*. (ABRIL, 2000, p.56).

A *Realidade* proporcionou espaço a músicos como Chico Buarque, Gilberto Gil e Caetano Veloso, além de noticiar assuntos polêmicos para a época como maconha, o clero de esquerda e o movimento estudantil (ABRIL, 2000). Mesmo com uma tiragem de 500 mil exemplares na época, a revista *Realidade* precisou fechar as portas já que na época a televisão ganhou os maiores montantes da publicidade (ABRIL, 2000). O mesmo aconteceu com a revista *Life* nos Estados Unidos, conhecida por sua cobertura fotográfica de Dorothea Lange após a

grande depressão dos Estados Unidos. A *Life* vendia mais de 6 milhões de exemplares quando a televisão entrou em cena na partilha da publicidade.

Nos anos 2000, o mercado brasileiro de revistas se segmentou. Ainda hoje, as revistas especializadas se mantêm no mercado com a prática do jornalismo interpretativo, utilizando de fotografias e do Jornalismo Literário para captar seus leitores.

É importante destacar que alguns aspectos do Jornalismo Literário presentes nas reportagens de revistas brasileiras (como a *Realidade*) e em livros-reportagem remetem ao movimento que ficou conhecido como *New Journalism*.

O território mais apropriado para o direcionamento do talento narrativo à produção de peças de não-ficção é mesmo o jornalismo literário, aberto às formas de maior beleza estética. Por isso, casos mais ilustrativos, no País, tendem a estar associados a iniciativas de algum modo conectadas com o espírito dessa modalidade. Como na época da agora lendária revista *Realidade*, que entre 1966 – seu ano de lançamento – e o início da década de 1970, manteve acesa no Brasil a chama da produção continuada de reportagens marcadas pelo bom reportar e pelo bom contar. (LIMA, 2009, p.155).

O *New Journalism* surgiu em 1960 nos Estados Unidos com a revista *The New Yorker*, que abriu caminho para produções jornalísticas com elementos literários. Nomes famosos surgiram nesta época como Tom Wolfe, que em seu livro *Radical Chique* traz uma descrição bem elaborada de um encontro de representantes do Partido dos Panteras Negras e alguns jovens da alta classe. Ele descreve vestimentas, cenários, o contexto social da época com a linguagem característica do *new journalism*.

Para a produção do Jornalismo Literário, Cremilda Medina diz que é necessário “sinteticamente, diria em palavras-chave: visão complexa, sensibilidade intuitiva e comportamento solidário perante a circunstância humana” (MEDINA, 2014, p.12). A autora observa que alguns jornalistas em busca do Jornalismo Literário utilizam de um personagem para apenas aplicar um estilo que exiba virtudes literárias, tornando o personagem apenas um objeto (MEDINA, 2014).

O Jornalismo Literário é diverso e fronteiro. As crônicas, biografias, perfis e livros-reportagens são jornalísticos à medida que apresentam assuntos de interesse ou factuais, mas também são literários à medida que utilizam de ferramentas da literatura para aprimorar o texto. O Jornalismo Literário vem sendo feito ao longo dos anos desde o início da imprensa e em diferentes locais do mundo. O Jornalismo Literário pode ser feito em grandes reportagens, em reportagens, em livros e demais suportes como o vídeo, utilizando do jornalismo interpretativo

ou em documentários. Neste trabalho, as técnicas do Jornalismo Literário como a construção de perfis, a escrita literária e a observação são empregadas em um livro-reportagem com um tema cultural.

8.4. JORNALISMO CULTURAL

O Jornalismo Cultural surgiu na Europa no final do século XVII. No Brasil, inicia no século XIX com as críticas de peças de teatro e resenhas sobre obras literárias da época, além de comentários sobre músicas eruditas. Um dos seus expoentes foi Machado de Assis, que publicava críticas de peças de teatro, resenhas de livros e artigos entre os anos de 1858 e 1879.

O Jornalismo Cultural era focado somente na literatura nos seus primórdios como em lançamentos de livros, críticas de obras, escritores famosos, mas aos poucos o Jornalismo Cultural precisou se reinventar devido ao surgimento de novos meios midiáticos, com a criação do rádio e principalmente o cinema a partir de 1900, como explica Ballerini. “Nesta época os jornais começaram a focar mais em prestação de serviço e matérias informativas de estreias e peças, filmes e exposições de arte” (BALLERINI, 2015, p.22). Com a criação do cinema, os jornais começaram a mostrar os horários das salas e quais filmes seriam exibidos como forma de serviço.

Desde então o Jornalismo Cultural ainda faz esse papel de informar horários de exibição de filmes, peças, shows e demais assuntos ligados à agenda cultural. Vale lembrar que atualmente o Jornalismo Cultural sofreu modificações, assim como todo o jornalismo com a participação da internet como um novo meio de divulgação de notícias e informações.

Daniel Piza (2007) e Isabelle Anchieta de Melo (2010) falam sobre o excessivo atrelamento do Jornalismo Cultural à agenda. Melo ressalta a necessidade de o jornalista cultural escapar da agenda por meio de uma visão mais crítica. Já Piza destaca que não há uma reflexão após os lançamentos que são anunciados nos jornais.

Lemos muito sobre discos, filmes, livros e outros produtos no momento de sua chegada ao mercado – e, cada vez mais – antes mesmo de sua chegada, havendo casos em que a obra é anunciada (e, pois, qualificada) com diversos meses de antecedência. No entanto, raramente, lemos sobre esses produtos depois que eles tiveram uma ‘carreira’, pequena que seja, e assim deixamos de refletir sobre o que significaram para o público de fato. (PIZA, 2007, p.52).

Piza também mostra outros males no Jornalismo Cultural como o excessivo atrelamento à agenda, tamanho e qualidade dos textos, o envio e a publicação de releases e a marginalização das críticas que são feitas de forma displicente para não se indispor com os produtores, músicos, escritores, etc (PIZA, 2007).

Isabelle Anchieta de Melo aborda a mesma questão. “Falta mais análise e mais interpretação (no sentido de estabelecer relações múltiplas e complexas)” (MELO, 2010, p. 04). A autora define cultura com apenas dois pontos, que segundo ela são cruciais ao jornalismo cultural. “Primeiro, a necessidade de democratizar o conhecimento e, segundo o seu caráter reflexivo. São elas que definem o Jornalismo Cultural como uma prática singular e importante para a sociedade” (MELO, 2010, p.5). A autora reitera que o Jornalismo Cultural nasceu com o objetivo de democratizar este conhecimento e que a crítica promove este caráter reflexivo.

Ou seja, enquanto o caderno de Economia, de Cidades, de Política irá noticiar as práticas, o jornalismo cultural irá fazer uma reflexão sobre essas práticas em suas críticas e crônicas, o que fica claro quando observamos os gêneros textuais consagrados nessa editoria que são a crítica, a resenha e a crônica. (MELO, 2010, p.6).

Gadini (2010, p. 30) também reitera esta visão dizendo que não pode ser ignorada a influência das assessorias no agendamento da cultura.

Em relação às ações e táticas de agendamento, não há como ignorar, também, alguns mecanismos que as assessorias lançam mão para obter espaço nas editorias, programas e periódicos de cultura – seja pelo envio de release, produto promocional, convites, campanhas sistemáticas ou eventuais peças publicitárias. (GADINI, 2010, p.30).

Já Marcelo Coelho (2003 apud GADINI, 2010) diz que o problema está em estabelecer os critérios de noticiabilidade no Jornalismo Cultural.

[...] não há muito critério para estabelecer o que noticiar ou não numa primeira página de um caderno cultural. Ou melhor, há critérios demais. Não se está pensando especificamente no que é jornalístico ou no que é importante ‘em si’- uma eleição presidencial, um bombardeio –, pois a notícia, mais do que nunca, está impregnada de valor, havendo possibilidades de escolha muito amplas para a pauta de cada dia num caderno cultural. (COELHO, 2003, p. 134 apud GADINI, 2010, p.34).

Desta forma, ao mesmo tempo em que tudo é uma pauta, quase nada é uma pauta. Gadini (2010) identifica vários atores que permeiam o Jornalismo Cultural, desde os leitores que enviam cartas aos colaboradores, material de assessoria e demais aspectos.

A produção do livro-reportagem sobre o Sexta às Seis vem então com o objetivo de fugir da agenda e promover um caráter reflexivo, observando que falta uma cobertura mais específica do projeto em relação aos seus trinta anos. E não somente isto, rememorar o projeto, deixando um registro que contribua de alguma forma com a cultura na cidade e com o conhecimento acerca de políticas públicas na área.

8.4.1. Jornalismo Cultural e a pauta da música

O Jornalismo Cultural já cobria a música erudita brasileira no século XIX e o jazz no século XX. Utilizando de textos opinativos, os jornalistas escreviam sobre apresentações nos teatros da época. Mas segundo Ballerini (2015), só com a popularização da rádio, nos anos 1960, é que as revistas culturais especializadas na cobertura de música surgiram.

No século XX as gravadoras dominavam o mercado como distribuidoras de conteúdo. Eram elas que pautavam as rádios e enviavam materiais para os jornalistas. Com o surgimento das plataformas de streaming e da internet, a distribuição de conteúdos promocionais promovidos pelas gravadoras foi diminuindo. Hoje é possível ouvir uma música assim que lançada, em alguns segundos. Antes havia um trajeto diferente. O material, primeiro, precisava chegar de forma física nas lojas e despertar o interesse de possíveis compradores, por isso o trabalho da divulgação das gravadoras era tão importante. Atualmente o acesso à música é mais democrático, embora isso levante diversas questões. Os shows ocupam hoje o espaço de importância que antes a venda de exemplares físicos tinha (BALLERINI, 2015).

A internet possibilita essa quebra na forma de distribuição, mas ainda hoje o mercado musical é composto por monopólios de gravadoras e estas gravadoras detêm todo o processo desde a produção até a divulgação do material (PEREIRA, 2016, p.39). No caso, o material das plataformas de streaming ainda é controlado pelas grandes gravadoras e as turnês e shows também.

Por este motivo, hoje, a pauta musical no Jornalismo Cultural assim como o restante das pautas é focada na agenda de shows. Os lançamentos também são pautados, mas como as redes sociais podem furar a pauta dos jornais da internet muito rapidamente, os lançamentos são sempre anunciados antes da data. E não há uma postura crítica do material após alguns meses de carreira, como indica Piza. Existem sim textos críticos musicais na internet, mas eles são feitos próximos ao lançamento, fazendo com que a maioria dos materiais tenha validade

muito curta. Em poucos dias pela internet se conhece o álbum e se lê todos os textos, enquanto já se aguarda o próximo lançamento.

Mesmo que as gravadoras tenham perdido a força, ainda há uma hegemonia de ritmos nas pautas do Jornalismo Cultural na cobertura musical. Como observa Ballerini no livro *Jornalismo Cultural no século 21*:

O fato é que a agenda cultural é um fator determinante de espaços e enfoques no jornalismo cultural musical. E, como a indústria cultural norte-americana é a maior influência no Ocidente, a cobertura de música erudita, sertaneja, de pagode e de ritmos regionais fica relegada a segundo ou terceiro plano. (BALLERINI, 2015, p.173).

Os veículos hegemônicos da mídia se preocupam em pautar os grandes shows internacionais. Atualmente, as revistas especializadas de música, como a *Rolling Stone*, se preocupam com os artistas já consolidados, em sua grande maioria internacionais. Em Ponta Grossa, o projeto Sexta às Seis recebe basicamente uma cobertura de agenda pelos veículos de mídia, que pouco contribuem para conhecer aspectos da produção musical, a participação do público e mesmo as políticas de difusão cultural na cidade.

8.5. SEXTA ÀS SEIS

O Sexta às Seis é um projeto musical da cidade de Ponta Grossa - Paraná com shows ao vivo em locais públicos da cidade. O nome Sexta às Seis é justamente porque os shows ocorrem nas sextas-feiras às seis horas da tarde. A primeira banda a se apresentar no projeto foi a Banda-Escola Lyra dos Campos na Concha Acústica da Praça Barão do Rio Branco em 1989. Na época a Concha Acústica era o espaço de diversos shows e peças de teatro e também dos ensaios da Banda-Escola Lyra dos Campos. Nos anos 80 e 90, o local era o principal ponto de encontro da cidade, já que havia diversos comércios no entorno e os pontos de ônibus. O projeto continuou na praça Barão do Rio Branco até 1992, quando foi paralisado, e só voltou à ativa no período entre 2005 a 2012, também na referida praça. De 2012 a 2014 ele paralisou de novo, mas precisou ser realocado para outro ponto da cidade, pois os moradores e os frequentadores da escola e da igreja que ficam no entorno da Praça efetuaram reclamações acerca do barulho promovido pelos shows (SCHILDER, 2016).

Em 2014, com o apoio da Prefeitura de Ponta Grossa, a Fundação Municipal de Cultura retomou o projeto Sexta às Seis próximo à Estação Saudade na concha Acústica, ao lado do

complexo de lojas populares. As bandas eram escolhidas através da promoção de editais, que segundo Machado (2021) promoveram o gênero de Rock em sua retomada.

O edital da época tinha como requisitos que as bandas inscritas fossem do gênero rock e suas derivações, caracterizando, assim, que o evento pretendia fortalecer a cena musical do rock em Ponta Grossa. Foi apenas no ano de 2017 que a Fundação Municipal de Cultura decidiu ampliar as inscrições, dando oportunidade para que grupos e bandas de outros estilos pudessem também participar do evento. (MACHADO, 2021, p.71).

Com shows gratuitos, o Sexta às Seis funcionou ao longo destes anos como um impulsionador para a carreira de muitas bandas iniciantes de Ponta Grossa e da região. Os dados de 2014 a 2019 veiculados pela Fundação Municipal de Cultura mostram que somente nestes anos ocorreram 181 shows em 79 sextas-feiras e mais de 244 bandas se inscreveram nos editais públicos neste período.

Em 2019 aconteceram 22 apresentações. Foram 11 sextas-feiras com shows. Naquele ano, o orçamento foi de R\$ 26,4 mil e o cachê dos músicos de R\$ 1.200 para cada banda selecionada.

Em 2020 a Fundação Municipal de Cultura estava planejando um aumento de R\$ 200 no cachê que seria de R\$ 1.400. Houve 66 inscritos no edital promovido pela Fundação Municipal de Cultura. Mas com a chegada do estado de pandemia imposto pela Covid-19, os shows foram cancelados seguindo as recomendações de se evitar aglomerações. Por meio de uma postagem na página do Facebook do evento, a organização do Sexta às Seis informou que os selecionados serão divulgados quando a situação melhorar. A página não deu datas nem soluções para o problema. A Fundação Municipal de Cultura não mostrou indícios de transformar o projeto em formato online como tantos que foram se adequando ao cenário da pandemia. Não se sabe se nos próximos anos os shows irão voltar de forma presencial, por isso a importância de se reunir um material sobre os trinta anos do Sexta às Seis.

9. DELINEAMENTO DO PRODUTO

O produto resultante deste trabalho é o livro-reportagem “Quem são esses? Uma trajetória do projeto Sexta às Seis em Ponta Grossa/PR”, produzido em formato ebook pela sua fácil divulgação, contendo 68 páginas de texto que dividem espaço com 18 fotografias e 3 infográficos. Planeja-se depositar o ebook em diferentes locais da internet. O site *Cultura Plural*, devido às suas pautas culturais, pode abrigar o ebook em uma seção de reportagens especiais. O site da Fundação Municipal de Cultura também pode ser incluído como espaço de divulgação do livro, já que apresenta uma página para trabalhos relacionados a temas culturais da cidade. Outros meios de divulgação serão as redes sociais e alguns grupos específicos da internet como o grupo não-oficial do Sexta às Seis que visa reunir músicos e ouvintes no Facebook e os próprios músicos e ouvintes do projeto.

As leituras feitas para o referencial teórico auxiliaram na produção do livro-reportagem. O livro inicia retratando os últimos momentos do Sexta às Seis, já que a atualidade é um dos critérios de qualquer produto jornalístico, assim como o livro-reportagem. Edvaldo Pereira Lima, em seu livro *Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, faz uma analogia com círculos que ajudam a explicar a estrutura de um livro-reportagem. Para o autor, o primeiro círculo se refere ao tempo presente, neste caso, o primeiro círculo será um atravessamento da pandemia nas atividades do Sexta às Seis, que inclusive já tinha selecionado as bandas por meio de edital para o ano de 2020. A cada círculo, a intenção é se aprofundar no tema para que o leitor compreenda todos os aspectos históricos e contextuais do projeto. O segundo círculo se refere ao passado imediato, e assim por diante. No segundo capítulo há uma imersão nas políticas culturais e no papel que o Conselho Municipal de Políticas Culturais (CMPC) teve junto ao projeto. Por fim, tem-se um panorama geral no terceiro capítulo dos produtores e músicos da cidade e como eles se relacionam com o Sexta às Seis.

Esta escolha de montagem se justifica por diversos fatores e favorece os critérios jornalísticos presentes no livro-reportagem de atualidade. Também, por critérios puramente técnicos, será mais ágil obter informações da última fase do projeto Sexta às Seis (2017-2019) já que em uma pesquisa inicial percebemos que há pouco material disponível à medida que os anos retrocedem, o que exigiria uma apuração mais profunda e com mais tempo. Para confecção do livro, foi necessário entrevistar, além das bandas e produtores, funcionários da Fundação Municipal de Cultura. A acadêmica também fez visitas até a Casa da Memória Paraná, tendo consciência de que há algum material do projeto no Museu dos Campos Gerais, mas que por

conta do tempo não foi possível ser analisado, já que não estava sistematizado e que o espaço permaneceu boa parte do tempo fechado para pesquisa em razão da pandemia. Foi verificado na Casa da Memória Paraná que o acervo do Sexta às Seis referente aos anos de 1989 e 1990 está bem estruturado, no que diz respeito às fotos do projeto. A visita foi feita no mês de agosto seguindo todos os protocolos de segurança exigidos pela pandemia de Covid-19. Nos jornais, o ano de 1990 foi o que mais recebeu cobertura. É possível ver o primeiro anúncio do Sexta às Seis impresso em uma edição do jornal *Diário da Manhã* na época.

Para captar diferentes fases do Sexta às Seis foram entrevistadas bandas, o público, agentes culturais relacionados à área da música da cidade e agentes do poder público envolvidos na organização ou elaboração do projeto. A lista prévia que se elaborou contou com adições importantes de nomes, de acordo com a lembrança dos entrevistados, mas nem todos puderam ser entrevistados por conta do tempo e do contato com as fontes. Algumas fontes importantes não retornaram ou não quiseram participar. Tendo em vista o objetivo de recuperar a história dos primeiros anos do Sexta às Seis, foram selecionados representantes que estavam nomeados para a pasta de Cultura nos respectivos anos de funcionamento do Sexta em busca do histórico do projeto. Uma entrevista importante disponibilizada para uso é de um dos responsáveis pelo Sexta e ex-presidente da Fundação Municipal de Cultura, Fernando Durante. A entrevista cedida para uso neste livro-reportagem é de grande importância, tendo em vista que o contato com esta fonte não seria possível devido ao seu falecimento no ano de 2021 em decorrência da pandemia de Covid-19.

Tanto em pesquisa própria, quanto perguntando aos entrevistados, chegou-se a uma lista contendo mais de 60 nomes. As entrevistas realizadas efetivamente foram de: três personagens do público, três agentes envolvidos com a administração pública (seja na Fundação ou no CMPC), três agentes culturais ligados à produção musical e a assessoria da cidade, e nove músicos (ver Apêndice B). Por fim, utilizou-se a entrevista de Fernando Durante cedida pelo jornalista - na época, acadêmico - João Guilherme de Castro, que a realizou em 2019. Para a realização das entrevistas foram elaborados roteiros semiestruturados, a fim de não se limitar apenas às perguntas e manter os pontos essenciais que precisavam ser discutidos no livro.

Os músicos obtiveram espaço destacado no livro-reportagem. Um dos objetivos deste trabalho é contribuir para o conhecimento sobre a cultura local, com ênfase nas produções musicais.

As fotos utilizadas no livro provêm ou de acervos próprios, ou da Casa Memória Paraná ou de acervos dos projetos de extensão do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Lente Quente e Cultura Plural. Para utilizar as fotos, tentou-se contato com todos os autores. A maioria das fotos obteve a autorização diretamente dos autores, mas também foi solicitada autorização de uso exclusivo para o projeto Lente Quente apenas em duas fotos em que não foi possível localizar os autores por redes sociais. Devido ao caráter acadêmico e sem fins lucrativos deste trabalho, o uso de imagens, autorizado pelo Lente Quente, foi importante pois se tratava de períodos antigos em que não seria possível recriar as imagens. As fotos escolhidas não são apenas ilustrativas, elas auxiliam a criar a ambientação da época e dos palcos em que o Sexta às Seis já passou.

A pesquisa documental foi necessária para buscar materiais que embasassem a escrita do projeto em seus primórdios. Os jornais foram utilizados como documentos, mas não para declarar ou avaliar a cobertura e sim apenas como apoio visual, para entender o contexto da época e auxiliar na escrita que envolve observação. Para alguns momentos de descrição, foram buscadas fotos na internet referentes ao show ou período em que estava se referindo. Devido à cobertura de assessoria da Fundação Municipal de Cultura, foi fácil encontrar fotos dos shows desde 2014. Outro material documental importante foram as planilhas e documentos presentes no site da Fundação Municipal de Cultura. A planilha se refere ao projeto entre os anos de 2014 a 2019 e foi necessária para obter dados de apresentações e cachês. Já os documentos presentes no site da Fundação sobre o Conselho Municipal de Políticas Culturais foram muito importantes para a conclusão do segundo capítulo. Em uma busca rápida nas atas disponibilizadas no site, foram encontradas 12 citações ao Projeto. Ou seja, a discussão sobre o Sexta às Seis aconteceu no Conselho, principalmente nos anos de 2011 e 2012, quando se intensificou devido à volta do projeto. Só em 2011 o projeto foi discutido em cinco reuniões diferentes (GROSSI; WOITOWICZ, 2021).

Outra ferramenta jornalística importante utilizada neste trabalho é a checagem. A verificação, também conhecida como checagem, deve acontecer em todas as etapas da produção, se for possível. A verificação integra um dos elementos essenciais do livro-reportagem que é a não-ficcionalização. Recheando as informações, busca-se garantir que a produção esteja respaldada através de fontes humanas e documentais.

Não aconteceram shows no período de produção deste trabalho de conclusão de curso, então não foram feitas observações in loco. A acadêmica acompanhou o período do Sexta às

Seis no que se refere aos anos de 2016 a 2018, por isso foram utilizados outros elementos para a recriação dos cenários e personagens.

Como já dito anteriormente, a observação também foi utilizada, embora de forma indireta. Neveu (2003), em um capítulo específico sobre o *new journalism*, em seu livro *Sociologia do Jornalismo*, fala sobre a descrição de cenas para a reconstituição e para aproximar o leitor do ambiente descrito. A observação está relacionada com o formato do texto literário. Através da observação, podemos adquirir elementos interessantes de descrição como reconstituição de cenas e características da época, além de tornar o texto mais próximo do literário e captar o leitor. Esta observação foi feita com base em documentos, arquivos e acervos do projeto Sexta às Seis, bem como nas entrevistas.

Após banca de qualificação, estabeleceu-se que a linguagem do livro reportagem fosse em terceira pessoa. Embora haja algumas intercessões mais soltas durante o livro, em sua maior parte tentou-se obter um estilo mais próximo ao formato jornalístico, imprimindo personalidade à narrativa sem necessariamente de ocupar o foco principal em primeira pessoa. As técnicas do Jornalismo Literário e algumas técnicas desenvolvidas e aprimoradas por jornalistas do movimento *New Journalism* como observações e descrições detalhadas foram utilizadas pela acadêmica em determinadas passagens do livro. A escolha do produto já propicia que esta linguagem ganhe mais espaço, por isso a ênfase nos processos do Jornalismo Literário, sua história e seus produtos que podem ser vistos em livros-reportagens, revistas e em grande-reportagens.

Para a observação da linguagem própria dos livros-reportagens foram lidos livros de variados temas desde João do Rio com sua série de reportagens sobre *as religiões do Rio*, Euclides da Cunha com sua série de reportagens sobre Canudos, o livro da jornalista Svetlana Alexijevich chamado de *A guerra não tem rosto de mulher*, Gay Talese com o seu *Voyeur*, até Roberto Saviano no livro *Gomorra* em que trata sobre a máfia italiana. Nos anos anteriores, ao longo do curso, o contato com os livros-reportagens foi constante com obras como *Spotlight: Segredos Revelados*, o *Radial Chique e o Terror dos RPs* de Tom Wolfe (que na verdade é uma coletânea de três reportagens e não discute as bases do *New Journalism*), *O Holocausto Brasileiro* da autora Daniela Arbex e a biografia chamada de *Chatô o Rei do Brasil* escrita por Fernando Morais. Sobre biografias, já foram lidas algumas durante os quatro anos de curso. É pertinente citar uma biografia que é a autobiografia de Samuel Wainer. *Minha Razão de Viver* conta a história de vida do próprio autor com uma linguagem simples, rica em detalhes e sentimentos, às vezes sentimentos felizes e outros tristes. As descrições no livro são pontuais.

De certa forma este foi um dos livros de não-ficção que inspirou a construção deste livro-reportagem, mesmo que de forma indireta.

A diagramação foi feita pela acadêmica no Canva com base em um template do site já pronto. A capa contém uma ilustração da Larissa Hofbauer, que se dispôs a colaborar com a produção de uma arte inédita para o livro. Como as fotos não são uma produção da acadêmica que fez o livro reportagem, optou-se por uma ilustração que representasse o projeto, escolha que contou com o apoio da colega de curso devido à sua especificidade.

Como não é um projeto cheio de elementos gráficos conflituosos, o trabalho de diagramação foi feito em três dias. Foram incluídos elementos na cor roxa, para quebrar um pouco a narrativa e tornar a leitura mais leve. Foram inseridas algumas curiosidades sobre as bandas da cidade, bem como seus materiais produzidos, a fim de divulgar também o trabalho destas bandas. Desta forma o leitor, além de ter contato com a banda no livro-reportagem, poderá buscar a música da banda. O formato é um box simples, inserido na narrativa quando a banda em questão ganha mais destaque. Tentou-se fazer uma diagramação mais solta como a de uma revista para que o leitor não se cansasse da leitura de um trabalho mais extenso. O formato do livro-reportagem é em PDF.

O livro-reportagem do Sexta às Seis é destinado aos participantes do projeto, ouvintes, músicos e agentes envolvidos, que de uma forma ou outra contribuíram para mantê-lo no ar por estes anos, assim como o setor cultural que se interesse pela temática. Entende-se que há um público fiel do projeto, que o acompanhou em cada uma das fases. Por isso, o livro-reportagem tem como alvo principal as pessoas que se relacionam com o Sexta, embora o conteúdo possa interessar a qualquer cidadão de Ponta Grossa ou de outra localidade que deseje conhecer o tema.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de concluir a produção de um produto livro-reportagem sobre as memórias do Sexta às Seis, este trabalho teórico auxiliou na compreensão do formato, bem como na compreensão do jornalismo cultural, do jornalismo como formador de memórias e do jornalismo literário.

Utilizando da metodologia de pesquisa bibliográfica, foi possível atingir o objetivo principal que era produzir um livro-reportagem sobre os 30 anos do projeto Sexta às Seis para realizar um resgate da trajetória do projeto e suas contribuições para o campo cultural da cidade. Percebeu-se que o projeto está intimamente ligado com a interação e as bandas da cidade, promovendo um local onde bandas pequenas e emergentes, tanto quanto as grandes e consolidadas, podem se apresentar. O projeto funciona como um divulgador da música na cidade.

Neste trabalho teórico também foi possível discutir o jornalismo como um possível construtor de memórias a partir de relatos e documentos sobre o Sexta às Seis. Para Walter Benjamin, a memória é a reconstrução de experiências do passado. Experiências estas que foram obtidas pelas falas das fontes e adicionadas no livro-reportagem.

No produto deste trabalho foram utilizadas características do Jornalismo Literário como a observação e a descrição detalhada na reconstrução de época na elaboração do livro-reportagem. Por meio de dados como clima, fotos da época e as entrevistas com as fontes foi possível utilizar as ferramentas do jornalismo literário.

Segundo os teóricos, o jornalismo literário é um conjunto de ferramentas utilizado para escapar das amarradas do jornalismo cotidiano. Narrar os fatos com recursos mais próximos da literatura possibilita uma leitura mais solta a aqueles que entram em contato com o livro-reportagem.

Este livro-reportagem realizou sua contribuição para o conhecimento sobre a cultura local, à medida que entrevistou bandas que são componentes do cenário, entrevistou o público, agentes do poder público ou que estavam envolvidos com ele e agentes culturais, tentando captar uma visão mais ampla do que foi o projeto Sexta às Seis para cada grupo envolvido. Optou-se por dar mais voz às bandas, pois entende-se que este espaço é de expressão das manifestações culturais locais.

Conclui-se, ao final do percurso, que é possível captar as memórias do projeto Sexta às Seis utilizando elementos do jornalismo literário. Também ocorreu uma fuga da cobertura diária do jornalismo cultural de agenda, já que foram tratados aspectos mais extensos sobre o tema, como a produção musical independente e o funcionamento das políticas culturais em Ponta Grossa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIL. **A Revista no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Editora Abril. 2000.
- ANDRADE; MONASTIRSKY. Projeto Cultural/musical “Sexta Às Seis”, Ponta Grossa (PR): A Relação Com o Poder Público Local e os Músicos Participantes. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, II, 2017. Ponta Grossa. **Anais eletrônicos...** Ponta Grossa: UEPG. Disponível em: < <https://sites.uepg.br/simposiocs/docs/gt2/029.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2021.
- BALLERINI, Franthiesco. **Jornalismo Cultural no século 21**. 1. ed. São Paulo: Editora Summus. 2015.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto. 2006.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre Entrevistas: teórica, prática e experiências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- CAVALCANTI, Anna de Carvalho. **A temporalidade da memória no jornalismo cultural**. 2020, 231 f. Dissertação (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- CORRÊA, Carlos Hugo Studart. O pensamento de Benjamin como método para um jornalismo mais integrado à cidadania. **Revista Passagens**, Ceará, v.5, n.2. 2014. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufc.br/passagens/article/download/1728/1496/>> . Acesso em: 18 jul 2021.
- CRUZ, M. A., da; ETGES, H. A. Livro-reportagem como forma de documentação histórica: análise da obra Holocausto Brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO, VIII, 2018. São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: SBPJor. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/JPJor2018/paper/viewFile/1582/580>> . Acesso em: 18 jul 2021.
- GADINI, Sergio. Desafios de pesquisa em Jornalismo Cultural: estratégias metodológicas para compreender os processos editoriais no campo cultura. **Revista Famecos**. Porto Alegre. v.17, n.1. p-28-35. 2010. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6876/4999>> Acesso em: 31 ago 2021.
- GROSSI; WOITOWICZ. **A Produção Musical de Ponta Grossa/Pr pelo projeto Sexta às Seis: do Rock à variação de gêneros no espaço público**. 10º Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Música: “Playlist das Diversidades”. 2021. Disponível em: <

https://redemusicom.files.wordpress.com/2022/01/2021_jessica-grossi_gt-06.pdf> Acesso em: 09 mar 2022.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos e mídia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano. 2000.

LAVILLE C.; DIONNE J. **A Construção do Saber – manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v.23, edição suplementar. 2016. Disponível em:<

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/25024/14864>>

Acesso em: 19 jul 2021.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Editora Manole. 2009, p-26-59.

MACHADO, Daiani Martins. **Rock’N’Economy: Análise da cena musical do Rock na cidade de Ponta Grossa na Economia Criativa**. 2021, 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas. 1992.

MEDINA, Cremilda. Narrativas da Contemporaneidade: Epistemologia do Diálogo Social.

Revista Tríade: comunicação, cultura e mídia. São Paulo, v.2, n.4, p.8-22. 2014.

MELO, Isabelle Anchieta de. **Jornalismo Cultural: Pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade da cultura**. 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf>> Acesso em: 05 abr de 2021.

NEVEU, Erik. **Sociologia do Jornalismo**. 5 ed. Porto: Porto Editora. 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v.10. 1993. Tradução de Yara Aun Khoury. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>> Acesso em: 21 maio 2021.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. **Revista Contratempo**. Rio de Janeiro. n. 17. 2007. Disponível em: <<https://fdocumentos.tips/document/jornalismo-literario-felipe-pena.html>> Acesso em: 05 abr 2021.

PEREIRA, Ítalo Richard Moura Benedito. **Crítica de música na internet: as reconfigurações da crítica musical a partir da análise de blogs e sites brasileiros**. 2016, 105 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal da Bahia.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Editora Contexto. 2007.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história de Ana Paula Goulart Ribeiro. **Revista Lugar Comum**. n° 11. p. 25-44. 2000.

RICOEUR, Paul. Memória, história, esquecimento. Proferimento apresentado na conferência Internacional “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism.”, realizada em 8 de março de 2003, em Budapeste, Hungria. Traduzido do inglês no âmbito da Unidade de Investigação “Linguagem, Interpretação e Filosofia” da Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia>. Acesso em: 23 maio 2021.

SCHILDER, Cristiana Ferreira. **Transformações urbanas e construção simbólica da praça Barão do Rio Branco, em Ponta Grossa - PR**. 2016, 227 f. Dissertação (Mestrado em História) -Universidade Estadual de Ponta Grossa.

VILAS BOAS, Sérgio. Perfil, o gênero nobre do jornalismo literário. In: **Perfis: O Mundo dos Outros** – 22 personagens e 1 ensaio. 3ª ed. São Paulo: Editora Manole, 2014. p. 271-287.

APÊNDICE A – RELATÓRIO ANALÍTICO

Como já dito na introdução do livro-reportagem, a ideia do tema surgiu em 2020 na disciplina de Crítica de Mídia, em um contexto presencial. O formato foi decidido na disciplina de Metodologia da Pesquisa em Jornalismo, já com aulas remotas. Devido ao contato prévio com a escrita de livros, a acadêmica já sabia que algumas etapas seriam necessárias como elaboração de uma estrutura para o livro, pensar no design, títulos, escolha de ilustrações. Teria ilustrações e fotos? O contexto era limitado por conta da pandemia de Covid-19. A maioria dos livros-reportagens lidos até o momento utilizavam da linguagem mais literária, porém a estudante não sabia de qual forma isto aparecia já que não era demarcado. Jornalismo Literário pode ser feito em qualquer formato, da mesma forma que um livro-reportagem não necessariamente tem elementos do Jornalismo Literário.

Foi uma grande oportunidade produzir um livro-reportagem ainda na graduação, pois o formato com o olhar acadêmico é muito diferente do que se produz algo de forma técnica, apenas seguindo etapas. O pensamento crítico obtido pelas leituras teóricas feitas foi muito importante para evoluir na escrita. E também, ao longo curso não há tempo para a construção de um livro-reportagem. Embora a apuração e os processos jornalísticos sejam os mesmos, o livro-reportagem não tem o mesmo processo de produção, desde a pauta até a montagem.

Dificuldades encontradas

Não há muito material sistematizado sobre o Sexta às Seis, principalmente no que tange aos anos iniciais. A visita à Casa da Memória Paraná foi concluída para saber com quais documentos seria possível contar nas fases iniciais do projeto, que desde o início da apuração, era a fase prevista com menos material. Há também o material do Museu dos Campos Gerais, que infelizmente a acadêmica não teve tempo para verificar. A documentação obtida, tanto na Casa da Memória como no site da Fundação, auxiliou a estabelecer épocas em que já não se encontrou muitas fontes para a pesquisa sobre o tema. Os documentos surgiram para suprir essas lacunas.

Também havia o agravante de não se poder observar as apresentações *in loco*. Essa dificuldade foi superada olhando fotos do período. Mas mesmo assim, percebe-se que é um livro que tenta se aproximar de uma época, e não é o retrato fiel de uma época à medida que muitos desses anos a acadêmica nem vivenciou.

A fase que exigiu mais trabalho de apuração, no sentido de ter dificuldade para conseguir abordar, foi o período do projeto em que o palco foi montado no Coreto ao lado do complexo de lojas populares chamado de Paraguaizinho. Para suprir a falta de fontes que falassem sobre o assunto recorreu-se aos documentos do Conselho Municipal de Políticas Culturais. Aí iniciou-se outra dificuldade. Como tratar de um Conselho Municipal em um livro reportagem de modo que todos que tivessem contato entendessem o tema de forma simplificada, mas não simplista? Para a acadêmica a atuação deliberativa do conselho, a escolha dos conselheiros e o papel deles junto ao poder público era muito natural devido aos anos que esteve presente no projeto de extensão Cultura Plural. Mas para as outras pessoas, até mesmo para os músicos que estavam mais habituadas às engrenagens públicas, era difícil entender.

Escrever o segundo capítulo, que trata sobre as políticas públicas relacionadas ao projeto também foi difícil à medida que era um assunto denso, quase sem inserção das bandas. Manter o ritmo de escrita, a tal da escrita solta, foi mais difícil neste capítulo.

Mas não era só isso. Foi difícil achar fotos de 2011 e 2012 também. Na época não existiam celulares com câmeras como existem hoje. A Fundação Municipal de Cultura até proporcionou um concurso de fotografias e audiovisual de bandas de rock no ano de 2011 e 2012, mas nem o material nem os editais foram encontrados. Havia apenas a citação deste concurso nas atas do CMPC. Recorreu-se então ao flickr do projeto Lente Quente. Mas aí os autores das fotos não foram encontrados. Uma solicitação de uso de imagem formal foi encaminhada aos professores que coordenam o projeto, para enfim conseguir utilizar as fotos sem a autorização dos autores.

É possível concluir o livro-reportagem com a perspectiva de formar uma memória do projeto e ainda utilizar os elementos do Jornalismo Literário, tendo em mente sempre que este livro-reportagem terá um recorte, devido à escolha de fontes, aos materiais consultados e à própria escrita. É impossível tratar de todos os aspectos de um projeto que iniciou lá em 1989 e perpassou por várias tribulações até chegar em 2020, embora se tente isso.

Até o momento é possível ver vários lados do projeto. Para alguns, ele é importante à medida que é uma política pública direcionada aos músicos da cidade, para outros já é apenas uma diversão de final de tarde e para outros tantos é apenas um de tantos projetos que ainda poderiam ser desenvolvidos para auxiliar o setor musical.

Entrevista com as fontes

As fontes no geral não se negavam a ceder entrevistas, tirando alguns casos de pessoas envolvidas na área cultural e com o poder público. Antes do início das entrevistas para a produção do livro, foram realizadas algumas entrevistas informais a fim de saber onde poderiam ser encontradas fontes ou materiais. Nestas entrevistas, soube-se que havia um material em gaveta do Fernando Durante. Um vídeo de 11 minutos onde ele falava exclusivamente do projeto, cedido por João Guilherme de Castro. Outra conversa importante foi com Luana Nascimento, que trabalhou na Fundação Municipal de Cultura. Ela repassou o atual estado da documentação e material de arquivo da Fundação sobre o projeto, além de outros contatos.

Neste momento foi elaborada uma lista com possíveis nomes de entrevistados, mas como eram muitos nomes foram selecionados alguns específicos por conta de eventos no projeto ou por sua especialidade.

Em cada entrevista realizada neste período, foram questionados nomes de bandas e possíveis entrevistados. A maioria dos nomes se repetiu e eram de bandas conhecidas na cidade. Essa lista, elaborada em formato de planilha no drive, constava como plano B quando algum entrevistado não retornava ou dizia que não poderia falar com a acadêmica.

A acadêmica reuniu todos os nomes indicados por entender que aqueles nomes, mesmo que tenham tido uma relação pequena com o projeto, se relacionavam com a cultura da cidade de alguma forma. Chegou-se ao ponto de que a lista continha 70 nomes. Vários desses nomes não retornaram, mas isso não foi exatamente um agravante para o trabalho, pois existem diversas fontes na área que em algum momento já estiveram envolvidas com o projeto.

Existem alguns pontos importantes do projeto Sexta às Seis que não foram abordados pela acadêmica por falta de embasamento documental ou de fontes. Um deles é: por que as duas paralisações do projeto, em 1992 e 2008, aconteceram? Há várias especulações sobre os motivos, mas não foram encontradas fontes que pudessem afirmar ou documentos que explicassem.

Outro ponto importante que deixou de ser comentado no livro-reportagem foi o sistema de som da Prefeitura em 2011, abordado por no mínimo quatro fontes. Havia um panorama de duas fontes sobre o assunto, mas não foi entrevistado responsável pelo som na época devido ao tempo de produção. Seria interessante se aprofundar nesta temática, já que diz respeito a licitações públicas e à parte mais técnica do projeto.

Também não foram entrevistadas bandas de antes de 2011. Isso porque foi difícil contactá-las ou não havia disponibilidade para entrevista. A acadêmica reuniu alguns nomes de bandas dos anos 90, através da Casa da Memória Paraná, mas os nomes não eram suficientes para encontrar as bandas, já que naquele período não havia registros na internet.

Caminho da apuração

As conversas iniciais, sem compromisso de entrevista, foram essenciais para o início da apuração. O diálogo aberto com três possíveis fontes ajudou a entender os caminhos a se seguir. Com elas foram obtidas fontes, dados e entrevistas importantes posteriormente, na fase efetiva de apuração. Primeiro, o foco era a dedicação nas entrevistas para que fosse possível a confecção do livro-reportagem. Sabe-se que um livro-reportagem necessita de mais fontes do que uma notícia diária e do que uma grande reportagem devido à extensão. Depois, iniciando a elaboração de uma lista prévia, de possíveis nomes, foram utilizados os critérios jornalísticos para catalogar os possíveis entrevistados. Havia muitas fontes, mas quais delas eram importantes? Todas. Mas quais delas poderiam identificar um período, quais eram as especialistas e quais delas ofereciam uma visão de ouvinte?

Quando as entrevistas (realizadas via google meet) iniciaram, percebeu-se que as bandas e os músicos, até os agentes culturais como produtores, também eram fontes ouvintes. Os músicos principalmente compõem a maior parcela de ouvintes do projeto, pois costumavam prestigiar os colegas. No momento da entrevista com as fontes também se percebeu que o circuito musical da cidade merecia um capítulo à parte. O Sexta às Seis não é um único projeto isolado na cidade, existem outros de música que eram sempre referenciados pelos músicos e se tornou importante falar sobre eles.

Em cada entrevista feita eram oferecidos novos caminhos, mas nem todos eles poderiam ser seguidos por conta do tempo de apuração estipulado até dezembro de 2021. Desta forma, olhou-se novamente para os critérios jornalísticos e para o que rendia e era possível ser feito. Como já dito nas dificuldades deste relatório, muitos pontos deixaram de ser tocados devido a fatores de tempo e de acesso às fontes.

Após essa catalogação com as fontes, sempre iniciando pelo período de 2017 a 2020, foi-se buscando fontes mais antigas. Nesta parte da apuração, recorreu-se aos documentos, que estavam disponíveis em diferentes locais como a internet e a Casa da Memória Paraná. Mesmo assim, continuou-se buscando fontes mais antigas. As fontes que se referem aos anos de 1989 e 2011 são mais escassas, por isso a atuação dos documentos e fotos se mostrou tão importante.

Entrevistar documentos não é uma tarefa fácil. Não se sabe muito bem o que perguntar a eles. O jornalista pode passar horas olhando todas aquelas palavras, mas não saber o que é de fato importante. Documentos têm uma hierarquia própria. A acadêmica precisou aprender um pouco sobre a dinâmica das Atas e das Conferências Municipais de Cultura para arrancar respostas. A dinâmica das reuniões do Conselho Municipal de Cultura era familiar, mas não tão familiar assim. Desta forma, recorreu-se a uma fonte do Conselho na época que poderia explicar fatos descritos nas Atas que muitas vezes eram impessoais, devido ao caráter do documento.

Na reta final da apuração, após entrevistar a maioria das fontes, havia ainda lacunas a serem preenchidas. O tempo estava curto e as fontes estavam recusando as entrevistas. Se estabeleceram algumas prioridades naquela reta final de dezembro de 2021. A primeira delas era ainda tentar contato com a primeira banda que se apresentou no projeto, em 1989, a Banda Escola Lyra dos Campos, porém não se obteve retorno. Depois, observou-se que, respeitando os critérios jornalísticos, era necessário mostrar o panorama de 2022. O que estavam esperando todos do Sexta? Em janeiro, a apuração se encerrou com entrevista com o presidente da Fundação Municipal de Cultura e um ouvinte do projeto.

Sobre a escrita

Escrever um livro-reportagem é sempre um desafio. O primeiro deles foi: como lidar com o grande volume de informações? Em 2021, ainda no terceiro ano do curso de Jornalismo, a acadêmica assistiu duas bancas dos estudantes do quarto ano. Uma das bancas era sobre a produção de um livro-reportagem sobre adoção, a segunda banca era sobre a produção de perfis. Estas bancas auxiliaram a entender que haveria, antes mesmo de começar o trabalho, um volume muito grande de informações. Antes de começar a produção, a organização foi necessária.

Para suprir seus próprios problemas de organização, a acadêmica organizou seus itens no drive, resultando em algumas pastas e subpastas, três planilhas e o roteiro para o livro. Como as entrevistas foram realizadas em sua maioria na plataforma Google Meet, foi possível ter acesso às gravações após o término, com a conta institucional da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Os vídeos foram muito importantes para assegurar um backup das informações, mas se provou uma tarefa difícil transcrevê-los em um documento online depois.

A acadêmica percebeu ao longo do trajeto que estava fazendo entrevistas muito dispersas e grandes em volume de informações. Muitas perguntas que estavam sendo feitas não compuseram as páginas do livro. Foi necessário, no meio do caminho, encontrar uma forma de

fazer perguntas mais concisas e diretas aos entrevistados para diminuir o volume de transcrições feitas. Para as anotações das entrevistas, foram utilizados dois cadernos 13x9 cm, aqueles que os jornalistas usam para anotar entrevistas.

Para a qualificação junto à banca, a acadêmica preparou um capítulo de prévia contendo alguns elementos de apuração, algumas entrevistas e alguns dados e documentos encontrados. Na banca, a acadêmica foi orientada a trocar a forma da linguagem (primeira pessoa) em que estava escrevendo o livro. Embora tenha que refazer o trabalho, isso não se mostrou um agravante, pois a impessoalidade da terceira pessoa, qual foi escrita este livro-reportagem, garantiu mais segurança para a acadêmica ao longo de alguns bloqueios criativos.

A maior dificuldade ao se escrever um livro-reportagem ainda é a hierarquização das informações. Para a qualificação da banca, se propunha um esquema em que o livro era dividido pela sua atualidade, interpassando todas as fases do projeto até chegar ao último capítulo que retrataria os anos de 1989 a 1992. Mas também na banca, esse modo de narrativa suscitou dúvidas nos professores. E de fato, ao longo da narrativa percebeu-se que não se sustentaria o livro desta forma porque os últimos capítulos que tratavam sobre as fases mais antigas do projeto ficariam desequilibrados em relação aos demais. Houve então a necessidade de fazer um novo roteiro de capítulos, que contemplasse todas as temáticas de antes, mas que não deixasse nenhuma delas em disparidade.

Mas mesmo com um roteiro novo, com as fontes organizadas em cada capítulo, ainda havia dificuldade de se organizar todas as informações em cada capítulo. Afinal de contas, escrever um capítulo de livro-reportagem de 10 páginas no word, não é a mesma coisa que escrever uma grande reportagem de 10 páginas no word, por exemplo. Os capítulos precisavam estar interligados com um fio de narrativa, que no começo foi difícil de encontrar. Qual era o ponto principal do livro?

Não poderia ser somente o projeto, já que esse era o tema do livro. Então a forma encontrada de interligar tudo, foi justamente os músicos, que ganharam mais destaque na narrativa. Embora o poder público tenha um papel importante, embora os agentes culturais auxiliem e embora sem ouvintes não exista projeto, a força motriz do Sexta às Seis sempre esteve nos músicos, que também estão no poder público, que também são agentes culturais e que também são os ouvintes.

Projeto gráfico

No projeto de qualificação, estipulou-se um mês para a diagramação. Devido a problemas de ordem técnica, a acadêmica teve efetivamente 10 dias para diagramar. Isto não atrapalhou o trabalho pois foi escolhido, a fim de facilitar o trabalho, um template pronto no Canva. A fonte utilizada foi Antonio Bold e Antonio Light devido à escolha estilística. As fotos foram dispostas de acordo com o formato de ebook, que é um tanto menor do que uma página do word. No projeto da qualificação havia ideias ambiciosas sobre o projeto gráfico, mas optou-se por trabalhar de uma forma mais simples, devido ao tempo restante para que o material não ficasse com erros e ainda fosse de fácil leitura.

A ideia de se remeter a uma revista, embora não tenha sido muito aprofundada, partiu da acadêmica por lembrar das inúmeras revistas musicais que existiam em 2010 e por ter consumido muitas revistas. As revistas musicais contêm fotos de bandas estouradas, cores berrantes e entrevistadas leves e soltas. Então houve esta tentativa de tornar o projeto gráfico mais solto e menos pesado, até por conta do caráter cultural do livro. A cor roxa foi escolhida porque olhando as últimas fotos do projeto havia sempre roxo e azul, as cores de iluminação do palco. Em sua última fase o Sexta às Seis, que sempre teve uma logo marrom, estava com a logo roxa puxada para o azul. Compreendeu-se que a cor marrom, também identificada facilmente pelos ouvintes do projeto, tornaria o projeto gráfico do livro mais sério e pesado, enquanto as cores que remetem às luzes do palco demonstram mais leveza.

Bem no início da produção, a ideia inicial era de transformar o arquivo final em formato epub por ser responsivo e mais acessível. Só que, em pesquisa prévia, verificou-se que o formato epub desconfiguraria as fontes e as fotos não ficariam tão bem apresentadas. Então voltamos ao projeto inicial do ebook ser em formato pdf. Também a ideia de se inserir Qr's codes durante o livro não se mostrou tão efetiva a partir do momento que não se sabe se o leitor está lendo pelo celular ou pelo computador. Se for pelo computador, tudo bem, mas e pelo celular? O leitor teria que ter dois celulares para isto. Logo, optou-se pelo uso de apenas boxes informativos sobre as bandas, assim como nas revistas musicais.

Só foi possível escrever após reunir todos os materiais, desde entrevistas, documentações e a finalização do projeto teórico. A parte da escrita do primeiro capítulo do livro foi realizada em uma semana. Foram feitas aproximadamente 15 páginas, com as fotos inclusas. Mas antes da escrita há a transcrição das entrevistas, as impressões, o roteiro de perguntas.

Foram elaborados três roteiros padronizados para as entrevistas. Um para os músicos, outro para a organização do projeto ou agentes culturais e um terceiro para o público. Mas todos os roteiros tinham as mesmas temáticas estabelecidas, para dar uma unidade ao livro.

Alguns músicos já fazem o papel de público, pois antes de tocarem no Sexta eles acompanhavam o projeto. Então já se tinha falas respectivas a períodos antigos, principalmente até 2011, como público. O mesmo acontece com a organização. Fernando Durante, em entrevista, comentou como era o Sexta em 1990. O desafio foi então estruturar os capítulos sistematizado eixos presentes nas falas dos entrevistados para compor os subtemas que constroem a narrativa do livro-reportagem.

APÊNDICE B – RELAÇÃO DE FONTES

Entrevistas realizadas

Data	Entrevistado/ Entrevistada
29/07/2021	Daiani Machado e Andriele Piekarski - Scream.me produtora
02/08/2021	Matheus Vaz e Marlon Vinícius - Banda Krafka
19/08/2021	Gabriela de Paula - Banda MUM
19/08/2021	Cássio Murilo - Banda Astrid
22/08/2021	Transcrição do vídeo cedido por João Guilherme da entrevista de Fernando Durante.
01/08/2021	Davidson Alves - Público
22/09/2021	Luiz Vinicius – Produtora Studio Piralinda
30/09/2021	Kairo Frank - banda Bolores, guitarrista
20/10/2021	Eduardo Godoy – Período em que estava na Fundação Municipal de Cultura
04/11/2021	Rafael Schoenherr – Período em que era Conselheiro da cadeira de Música no CMPC
16/11/2021	Leticia – vocalista, banda A Vera
17/11/2021	Andressa Marcondes – Público
27/11/2021	Banda Valvox
14/01/2022	Alberto Portugal – Fundação Municipal de Cultura
23/02/2022	Nicolas Lima Corione - Público

Documentação consultada

Data	Documentação	Local
27/08	Jornal da manhã no período de 1989 e 1990; Fotografias de 1990 do Sexta às	Casa de Memória Paraná

	Seis	
29/08	Planilha com as apresentações do período entre 2014 a 2019.	Site da Fundação Municipal de Cultura
01/01 30/01	a Consulta as Atas públicas do CPM e as Conferencias Municipais (prazo extendido ao longo dos dias)	Site da Fundação Municipal de Cultura

APÊNDICE C – LIVRO-REPORTAGEM

Esta é a capa do livro “Quem são esses? Uma trajetória do projeto Sexta às Seis em Ponta Grossa/ PR. No link disponível em: <<https://1drv.ms/b/s!AsPR3rgL7pHegQOML8E78zwz099m?e=qKmIn7>> é possível acessar o trabalho completo.

Sinopse para possível divulgação: Bandas, poder público, produtores e ouvintes de Ponta Grossa, todos marcaram sua passagem no Sexta às Seis. Fundado em 1989, o projeto conta com uma extensa lista de apresentações e paralisações ao longo destes anos. Este livro-reportagem retrata uma parte da história do cenário musical independente da cidade, as políticas públicas direcionadas ao setor e como elas afetam a música em locais públicos, bem como as fases do Sexta até chegar ao que ele é hoje.

